

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CÉLIA MARIA GARCIA MANOEL

**AS PARTÍCULAS MODAIS ALEMÃS:  
UMA EXEMPLIFICAÇÃO COM *DOCH***

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS,  
DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E  
CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE  
SÃO PAULO, PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE EM LETRAS  
(ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LÍNGUA E  
LITERATURA ALEMÃ)

ORIENTADORA:  
PROF. DRA. MASA NOMURA

SÃO PAULO

1997

## RESUMO

As partículas modais do alemão constituem uma grande dificuldade no ensino e aprendizagem do alemão como língua estrangeira. O presente trabalho apresenta, primeiramente, uma caracterização geral da partícula modal a partir de teorias que descrevem suas funções pragmáticas, semânticas e sintáticas. Em seguida, aborda os motivos pelos quais essas partículas geram tal dificuldade, ressaltando alguns aspectos a serem considerados em sua aquisição. Como exemplo de análise, foi escolhida a partícula *doch*, examinando-se suas diferentes acepções e aplicações. Tais aplicações são analisadas em uma amostra real de língua falada.

## ABSTRACT

German modal particles usually bring difficulties to both German teachers and students. This work presents a general characterization of the modal particles based on some theories which describe their pragmatic, semantic and syntactic functions. The sources of such difficulties are also dealt with, emphasizing points that should be considered in the acquisition of German as a foreign language. *Doch* was chosen as an example of the analysis of a modal particle and its various possible meanings and uses are discussed. Finally, the occurrences of such uses are verified in an authentic corpus of spoken language.

## ZUSAMMENFASSUNG

Die deutschen Modalpartikeln bereiten den Deutschlehrern und -lernenden sehr oft Lehr- und Lernschwierigkeiten. Die vorliegende Arbeit stellt einen Überblick über die Eigenschaften der Modalpartikeln vor, indem man auf Theorien basiert, die die pragmatischen, semantischen und syntaktischen Funktionen dieser Elemente beschreiben. Untersucht werden auch die möglichen Ursachen der Schwierigkeiten bei der Aneignung der Modalpartikeln und einige Punkte hervorgehoben, die bei der Behandlung dieser Elemente im Deutschunterricht in Kauf genommen werden sollten. Anhand eines Korpus gesprochener Sprache wird *doch* als Beispiel für die linguistische Analyse der Modalpartikeln genommen.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	1
1.2 OBJETIVOS.....	3
1.3 METODOLOGIA .....	4
<b>2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>6</b>
2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA.....	6
2.2 DEFININDO AS PARTÍCULAS .....	7
<b>3. PARTÍCULAS MODAIS.....</b>	<b>19</b>
3.1 PARTÍCULAS MODAIS: SINTAXE, SEMÂNTICA E FUNÇÃO PRAGMÁTICA .....	19
3.2 PARTÍCULAS MODAIS NO ENSINO DO ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	44
<b>4. A PARTÍCULA <i>DOCH</i>.....</b>	<b>49</b>
4.1 DIVERSOS ESTUDOS.....	49
4.2 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE <i>DOCH</i> .....	56
4.2.1 <i>As variantes de doch</i> : .....	57
4.2.2 <i>Doch como partícula modal</i> .....	58
4.2.2.1 <i>Doch com função de nuance</i> .....	58
4.2.2.1.1 <i>doch<sub>1</sub></i> .....	58
4.2.2.2 <i>Doch com função de ênfase</i> .....	61
4.2.2.2.1 <i>doch<sub>2</sub></i> .....	61
4.2.2.2.2 <i>doch<sub>3</sub></i> .....	62
4.2.2.2.3 <i>doch<sub>4</sub></i> .....	64
4.2.2.2.4 <i>doch<sub>5</sub></i> .....	66
4.2.2.2.5 <i>doch<sub>6</sub></i> .....	67
4.2.3 <i>Doch como palavra-frase</i> .....	68
4.3 APLICAÇÃO EM DIÁLOGO REAL DA PROPOSTA APRESENTADA.....	69
4.3.1 <i>Dados gerais sobre o corpus</i> .....	69
4.3.2 <i>Análise do corpus</i> .....	71
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>79</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>83</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Devido à grande complexidade semântico-funcional que envolve as partículas modais, seu ensino parece ser mais problemático do que o de outros aspectos da gramática alemã. Esta constatação não vale apenas para cursos orientados para a leitura ou centrados na gramática, mas também para livros didáticos organizados para a comunicação, repletos de diálogos (cf. RÖSLER, 1983).

Não é de se admirar a ausência do uso de partículas nos livros didáticos mais antigos de alemão, pois até o aparecimento desses livros, as partículas ainda não eram tema nem na didática do alemão como língua estrangeira nem na lingüística. Mas isso tem se modificado nos últimos anos (a partir de 1983): “comunicação” tornou-se a “palavra-mágica” na didática das línguas estrangeiras, a campanha contra uma progressão gramatical rígida em favor de uma progressão situativa ou comunicativa tem ganhado forças há algum tempo. Com esta orientação comunicativa, as partículas modais ganharam maior significância no material didático do alemão, ou pelo menos assim seria de se esperar (cf. RÖSLER 1983). Porém, se por um lado os diálogos dos livros didáticos de alemão passaram a apresentar muitas partículas modais e o aluno passou a ser confrontado com elas mais freqüentemente<sup>1</sup>, por outro, não surgiram concomitantemente explicações suficientemente plausíveis sobre as

---

<sup>1</sup> Por exemplo, no livro didático *Themen 1*, logo na lição 2, *doch* aparece no seguinte diálogo:

- *Sag mal, was machst du denn hier?*

- *Ich lerne hier Deutsch. Ich möchte doch in Köln Chemie studieren.*

- *Ach ja, richtig.*

É natural que o aluno, que está começando a aprender a língua, queira entender o significado de todas as palavras desconhecidas e é inevitável que ele pergunte o significado de *doch* aqui, assim como de *denn*, que também é uma partícula modal.

partículas nem oportunidades para o aluno exercitar seu uso corretamente. E quando essas explicações ocorrem, seja pelo professor ou oferecidas no glossário do próprio livro didático ou ainda em dicionários, elas são superficiais e, por isso, se tornam insuficientes para uma compreensão global das partículas ou, às vezes, dão margem a uma compreensão incorreta de seu significado.

Segundo FRANCK (cf. 1979), o “desabrochar” repentino da pesquisa das partículas nos últimos tempos pode ser explicado, por um lado, pela existência de uma lacuna nesta área na gramática e no léxico, que se faz perceber sobretudo na aula de língua estrangeira e na problemática da tradução.

Desde o livro de HARALD WEYDT *Abtönungspartikel. Die deutschen Modalwörter und ihre französische Entsprechungen*, as partículas modais alemãs tornaram-se tema de vários congressos e objeto de várias e variadas pesquisas. (cf. BURKHARDT 1994:130ss)

Mesmo tantos anos após a publicação do trabalho de WEYDT, que em 1969 deu o primeiro passo, a pesquisa das partículas alemãs continua sofrendo principalmente por não ter ainda chegado a um acordo quanto ao significado ou à função das partículas modais e quanto aos métodos de sua parafraseação e descrição, e também porque a questão dos caminhos e motivos de seu aparecimento tem sido até agora raramente colocada.

Mais exatamente, porém, a dissertação de Alexej KRIVONOSSOV, que surgiu em 1963 na Universidade Humboldt em Berlim, mas publicada somente em 1977, pode reclamar para si ter sido a primeira pesquisa na área da Lingüística que se dedicou às partículas de nuança. (cf. ibd.)

Apesar da evolução dos métodos de ensino de alemão e da quantidade cada vez maior de livros didáticos que têm surgido pretendendo um aprendizado mais eficiente da língua alemã, faltam ainda explicações satisfatórias, detalhadas e simples, em português, que sejam acessíveis ao aluno iniciante. A escolha do tema desta dissertação de Mestrado surgiu

justamente a partir desta dificuldade encontrada por mim, primeiro como aluna, depois como professora de alemão, em se compreender e explicar a problemática das partículas, e é esta falha que pretendo, mesmo que em parte, cobrir com este trabalho.

## 1.2 OBJETIVOS

O presente estudo tem primeiramente o objetivo de apresentar uma análise geral das partículas modais alemãs, abrangendo o problema de sua classificação, definição e seus usos mais ocorrentes. Posteriormente, tomarei como exemplo a partícula *doch* e apresentarei uma análise detalhada desta partícula, inicialmente mostrando o que já foi e tem sido feito por vários autores alemães, de diferentes formas, e, depois, apresentando uma proposta minha de descrição daquela partícula. Além de ser *doch* uma das partículas de ocorrência mais freqüente na língua alemã, ela é também uma das que apresentam maior variedade de uso. Este fato dificulta uma análise superficial dessa partícula, pois ela terá diferentes “significados”, aparecerá em diferentes posições numa frase e em diferentes contextos. Talvez seja por isso que se tem evitado uma “explicação” das partículas em geral nos livros didáticos de alemão para estrangeiros, o que entra, por outro lado, em conflito com o fato de elas aparecerem, desde as primeiras lições, em seus diálogos. Essa classificação de *doch* (com suas subdivisões de acordo com as diferentes modalidades e nuances de uso), a ser apresentada nesse último capítulo, é baseada na classificação de HELBIG (cf. 1988) e WEYDT/HENTSCHEL (cf. 1983) com algumas modificações de organização e acréscimos na interpretação. Esse capítulo do trabalho ainda contém uma parte prática, que é a aplicação das “regras” de classificação propostas em frases de um diálogo real, pretendendo, assim, um melhor esclarecimento dos diferentes usos de *doch*.

Desta forma, apresentando-se um quadro geral da classe das partículas e tomando-se como exemplo a partícula *doch*, pretende-se, com este trabalho, como objetivo mais amplo, prestar um auxílio aos estudantes e professores de alemão como língua estrangeira, tentando cobrir, pelo menos em parte, esta falha existente até hoje nas gramáticas e livros didáticos de língua alemã. Apesar de tratar em detalhe apenas a partícula *doch*, este

trabalho apresentará uma análise abrangente desta partícula, o que facilitará a aplicação de seus métodos em um possível trabalho de análise das demais partículas do alemão.

### 1.3 METODOLOGIA

Este trabalho constitui, em parte, uma pesquisa, em português, de pesquisas, em alemão, sobre as partículas modais, com suas características gerais dentro de uma complexidade de funcionamento. Primeiramente, será feito um apanhado geral do que foi possível encontrar (e do que julguei mais importante para os objetivos deste trabalho) sobre as partículas - material este encontrado geralmente em forma de artigos em revistas especializadas e, portanto, de difícil acesso no Brasil. Em uma segunda parte, será tratada, em especial, a partícula *doch*, primeiro apresentando uma descrição dessa partícula, depois uma aplicação prática.

Pelo fato de serem as partículas um fato típico da língua falada, ou pelo menos nela mais freqüente, a maneira que se encontrou de se trabalhar com elas, para o objetivo da parte mais teórica deste trabalho, isto é, para a caracterização sob vários aspectos das partículas modais, foi utilizando-se frases ocorrentes na língua falada, que foram, em parte, recolhidas da bibliografia pesquisada, em parte, criadas por mim e pelos professores que me orientaram, tendo sempre em mente sua utilização em uma situação real de fala, e tentando, assim, transmitir melhor a idéia que a partícula passa ao texto, a ênfase ou a nuance que ela dá à frase em que está inserida.

No capítulo do trabalho que se refere à partícula *doch*, as frases serão analisadas de acordo com sua natureza sintática, semântica e pragmática, ou seja: elas serão estudadas dentro de seu contexto gramatical e situacional. Na análise gramatical, será verificado o tipo de oração em que *doch* ocorre, a posição que a partícula assume dentro da frase, sua acentuação (se átona ou tônica), se existe alguma relação entre a posição do verbo e a presença da partícula e, finalmente, sua combinação com outras partículas modais. Ao mesmo tempo, em um nível mais amplo de análise, serão estudados os contextos em que as frases

com *doch* estão inseridas e as diferentes nuances de significado que a partícula transmite a esses contextos. Ainda nesse mesmo capítulo, serão, ao final, listadas algumas frases de um diálogo real, que contenham a partícula *doch*, e estas serão analisadas de acordo com a classificação anteriormente apresentada.



## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

### 2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

Existem hoje relativamente muitos trabalhos sobre as partículas na língua alemã atual. A pesquisa dos últimos anos, em língua alemã, cobriu grande parte da necessidade que se tinha antes de um preenchimento dessa lacuna. A grande maioria dessas pesquisas, porém, refere-se exclusivamente à sincronia. Portanto, sabe-se pouco sobre a história das partículas. Neste aspecto, no entanto, existem lacunas em quase todas as áreas da descrição lingüística.

Em primeiro lugar, quase não se tem acesso a documentos que reportem à história das partículas. Os documentos medievais de que se tem conhecimento quase não contêm palavras que pudessem ser descritas como partículas modais (*Abtönungspartikeln*). Nos textos *Minnesangs Frühling*, *Wolfram*, ou no *Nibelungenlied*, para nomear alguns, não se consegue muita coisa quando se procura por essas palavras. Mas isso significa, então, que naquela época não existiam partículas modais ou partículas semelhantes? Para WEYDT (cf.1983b:174ss.), o motivo de não aparecerem partículas modais nesses textos está na dificuldade que se encontrava na época para escrever, levando-se em conta que se escrevia em pergaminho e que se deveria escrever somente o que era estritamente necessário. Mas apenas com a falta de partículas nos textos que foram sendo transmitidos de geração a geração, não se pode afirmar a ausência dessa categoria no alemão medieval falado. Além disso, os “arquivos” não são tão unânimes: WEYDT (cf. ibd.: 175s.) traz exemplos de trechos de textos medievais que contêm partículas semelhantes às modais, como é o caso da cena da Canção dos Nibelungos, na qual Krimhild cumprimenta os borgonheses no Etzels Hof. Ela pergunta a Hagen que presentes ele teria trazido:

1678: ‘Waz sind disiu mære’, sprach dô Hagene,

‘daz iu gâbe solden bringen dagene?’

Ich wære wol sô riche, hæte ich michs baz verdâht,

daz ich iu mîner gâbe her ze lande hæte brâht.?’

1679: ‘Nû sult ir mich der mære mêre wizzen lân.

Hort der Nibelunge, war habet ir den getân?

Der was **doch** mîn eigen, daz ist iu wol bekant;

den soldet ir mir bringen in daz Etzelen lant.

Nas duas estrofes podemos reconhecer partículas, que chamaríamos hoje de partículas modais: *So reich wäre ich wohl gewesen; Der gehörte doch mir.*

## 2.2 DEFININDO AS PARTÍCULAS

Partícula modal (em alemão, *Modalpartikel* ou *modale Partikel*) é o termo mais abrangente para designar esse grupo especial de palavras e é atualmente o mais usado, mas a variedade terminológica para a denominação das partículas é bastante grande. Ao lado do termo *Modalpartikel* (usado, por exemplo, por KRIVONOSSOV (cf. 1977), BUBLITZ (cf. 1978), FRANCK (cf. 1980)), aparecem também *Abtönungspartikel* (partícula de nuança), usado por WEYDT (cf. 1969), *Satzpartikel* (partícula oracional), por HARTMANN (cf. 1965) e ASBACH-SCHNITTKER (cf. 1975), *illokutive Indikatoren* (indicadores elocucionários), por HELBIG (cf. 1977), além de *kommunikative Partikel* (partícula comunicativa) e *emotional-expressive Partikel* (partícula emocional-expressivas) registrados por ÖHLSCHLÄGER (cf. 1985:350). E, ainda, nos estudos mais antigos, encontram-se os termos *Füllwort* (palavra expletiva) e *Würzwort* (palavra de tempero). Neste trabalho será adotado o termo, de forma geral mais difundido, *partícula modal*. O termo *partícula de nuança* aparecerá no capítulo referente à análise de *doch*, não como tradução de *Abtönungspartikel* (termo traduzido, aqui, por *partícula modal*), mas para diferenciar os usos de *doch* com função de ênfase e com função de nuança.

A língua alemã desenvolveu certas construções sintáticas, como alguns meios lexicais, cujo uso tem como consequência a compressão da fala com a manutenção do conteúdo semântico. A tais meios lexicais pertencem palavras de diferentes classes de palavras não flexionáveis. Estas são principalmente conjunções coordenativas (*und, oder,*

*sowie, wie, aber*), partículas lógicas (*nur, sogar, auch, schon, eben*), conjunções subordinativas (*weil, da, obwohl, wenn*), palavras lógicas (*deswegen, darum, deshalb, folglich*) e partículas modais (*denn, doch, ja, mal, schon, bloß, auch, eben*) (cf. KRIVONOSOV 1983:40-41).

Segundo KRIVONOSOV (cf. *ibd.*), até hoje pôde-se indicar dois caminhos da economia do material lingüístico. A este respeito, consta em seu estudo que:

- a) A economia do material lingüístico depende das características do processo de comunicação. O conhecimento de uma situação, de um objeto de fala leva ao desprezo de algumas partes da cadeia da fala, embora elas sejam guardadas pelo interlocutor no seu consciente. A compreensão não fica prejudicada, porque as formas lingüísticas desprezadas ficam no consciente do falante e do ouvinte em forma de uma situação, de um contexto, do conhecimento do objeto de fala, ou seja, existem na forma de alguma categoria abstrata desprezada na língua, mas presente no consciente. Se tudo o que pretendemos dizer fosse composto por significados formais das palavras usadas por nós, então precisaríamos usar, para cada pensamento, muito mais palavras do que realmente usamos. Pode-se dizer que falamos somente com indícios necessários.
  
- b) A economia do material lingüístico depende das características da língua. A língua desenvolveu categorias sintáticas bem determinadas, assim como alguns meios lexicais, cujo uso leva à compressão da fala, com a completa manutenção do conteúdo pretendido. Algumas unidades lexicais de palavras, quando introduzidas na frase, levam à economia de meios lingüísticos, de abrangência muito maior do que são essas próprias unidades lexicais, porque essas últimas trazem consigo um pensamento adicional, que, em um outro caso, adicionaria muito mais fontes lingüísticas no “balanço geral” da fala. Com o exemplo de algumas classes de palavras não-flexionáveis da língua alemã, pode-se concretizar os três diferentes caminhos para a compressão da fala.

1) As conjunções coordenativas (p. ex. *und, oder, sowie, wie, aber*) são capazes de relacionar mutuamente dois conceitos explicitamente enunciados, e assim também duas

idéias, como unidades lógicas superiores, sendo que uma das idéias está presente na língua apenas implicitamente e não em formas lingüísticas. Em uma forma reduzida, “comprimida”, uma oração contém duas idéias: “Anna *und* Martha baden” = “Anna badet” + “Martha badet”.

2) As partículas lógicas (p. ex. *nur, sogar, auch, schon, eben*) são capazes de relacionar dois conceitos lógicos, com a expressão lingüística explícita de apenas um deles, mas com isso também duas idéias lógicas. As partículas lógicas possuem a única capacidade de chamar ao consciente do falante (e do ouvinte) o círculo inteiro dos conceitos adjacentes para o objeto de fala do falante (ou do escritor), sem que eles sejam mencionados: “*Nur sie kann diese Frage beantworten*” = “*Sie kann diese Frage beantworten*” + “*Mein Vater (ich, du, er, mein Nachbar usw.) kann diese Frage nicht beantworten*”.

3) As conjunções subordinativas (p. ex. *weil, da, obwohl, wenn*), as palavras lógicas (p. ex. *deswegen, darum, deshalb, folglich*) e as partículas modais (p. ex. *denn, doch, ja, mal, schon, bloß, auch, eben*) são capazes de atuar no papel de unidades estruturais formais das idéias lógicas resumidas ou dos entimemas. A lógica formal comprovou que o pensamento não se desdobra obrigatoriamente na forma de silogismos lógicos completos. Na prática de nossos pensamentos cotidianos, as conclusões reduzidas são absolutamente possíveis, e isto é condicionado pelas particularidades da memória humana. Silogismos lógicos são, mais freqüentemente, não usados em sua forma completa, mas em uma forma reduzida, como entimemas, nos quais alguma parte da conclusão não encontra expressão lingüística explícita, ou a primeira premissa (maior) ou a segunda (menor), ou até mesmo a conclusão, que são óbvias tanto para o falante como para o ouvinte. Estas particularidades do pensamento encontram completo apoio nas formas lingüísticas. A língua “desenvolveu” as unidades lexicais de palavras e as construções sintáticas, que servem exclusivamente à expressão do entimema.

Quando observamos, nas gramáticas antigas, e também nas mais recentes, os capítulos em que elas analisam as partículas no sentido restrito, verificamos que estas, na maioria das vezes, não são tratadas como um grupo abrangente. Encontramos umas poucas observações sobre elas ou casualmente uma apresentação como um subgrupo separado.

RUDOLPH (cf. 1979) toma três gramáticas, que, segundo ela, dedicam maior atenção ao caso das partículas: GLINZ (cf. 1971), HELBIG & BUSCHA (cf. 1972) e CLEMENT & THÜMMEL (cf. 1975). Suas conclusões *grosso modo* são as seguintes:

GLINZ não apresenta nenhuma classificação sistemática. Ele parte de um texto e vai extraindo as partículas contidas ali. Desta forma, ele diferencia as prepo-expressões (em alemão *Präpo-Ausdrücke*), as graduativas (em alemão *Graduative*), as expressões de negação (em alemão *Negationsausdrücke*) e finalmente mantém um grupo como classe restante, que ele chama de situativas (em alemão *Situative*). Apenas para esta classe restante e coletiva ele traça um esquema semântico cuidadosamente formulado.

HELBIG & BUSCHA classificam as partículas segundo pontos de vista normativos. As partículas no sentido amplo eles denominam *palavras funcionais* (em alemão *Funktionswörter*), que apresentam em três grandes “blocos”. As partículas no sentido restrito são separadamente classificadas e detalhadamente tratadas no terceiro bloco (o das *adverbialiche Wörter*) como *partículas* e *palavras modais*. Aqui são diferenciadas, somente entre as partículas, sete subclasses sintáticas e treze semânticas.

CLEMENT & THÜMMEL evitam conscientemente critérios semânticos e explicações semânticas aos grupos desenvolvidos no âmbito de seu modelo sintático. Eles chamam os grupos de partículas de coordenação, de colocação, situativas e modais. Para as partículas modais e de colocação, eles têm seis subgrupos, para todas as outras partículas, têm listas de palavras e vários exemplos. Eles afirmam que somente uma análise mais exata do comportamento sintático das partículas é que pode permitir uma imposição de regras.

RUDOLPH (cf. *ibid.*) ainda propõe alguns “testes sintáticos” para a distinção das partículas modais:

(1) O teste da interrogação, com o objetivo de que o elemento pesquisado possa aparecer como resposta, é um instrumento conhecido do ensino da gramática. Na limitação das partículas, WEYDT (cf. 1969:67) e HELBIG & BUSCHA (cf. 1972:429) verificam que

apenas advérbios podem responder a perguntas polares (em alemão *Entscheidungsfragen*) ou substitucionais (em alemão *Ergänzungsfragen*)<sup>2</sup>. As palavras modais, ao contrário, podem, sozinhas, responder a perguntas polares. Partículas não podem formar resposta a uma pergunta. Por exemplo:

Pergunta: *Kommt er?*

Resposta: *Hoffentlich* / *\*Aber*<sup>3</sup>

(2) Na prova da mobilidade é testada a capacidade de ocupação do primeiro lugar na frase. Geralmente advérbios podem ocupar este primeiro lugar, algumas partículas comportam-se como advérbios, outras podem ocupar o primeiro lugar apenas junto com a palavra a que ela se refere (cf. HELBIG & BUSCHA 1972:430), partículas modais não podem ocupar este primeiro lugar (cf. WEYDT 1969:67/68). Por exemplo:

*Besonders gern tanzte er.*

vs.

*\*Doch gern tanzte er.*

(3) A colocação da palavra negativa *nicht* em relação ao advérbio ou partícula não é sempre aleatória. Advérbios geralmente ocupam a posição após *nicht*. HELBIG & BUSCHA (cf.1972:448) mostram sobre isso a diferença entre palavra modal e advérbio modal:

“Er kommt *nicht* pünktlich” = *nicht* + advérbio

vs.

“Er kommt vermutlich *nicht*” = palavra modal + *nicht*.

---

<sup>2</sup> “Pergunta substitucional” é o termo utilizado aqui como tradução do alemão *Ergänzungsfrage* e se refere à pergunta em cuja resposta o pronome interrogativo é substituído por um objeto, um complemento. Este conceito opõe-se ao outro termo alemão *Entscheidungsfrage*, que é traduzido aqui por “pergunta polar” e se refere à pergunta que tem uma resposta simplesmente positiva ou negativa, com ja (“sim”) ou nein (“não”).

<sup>3</sup> O sinal de asterisco no início dos exemplos indica a impossibilidade de ocorrência dos mesmos, isto é, os enunciados marcados com “\*” não ocorrem na realidade.

Trata-se, aqui, apenas da posição da partícula antes da palavra de negação *nicht*.

Por exemplo:

*Er kommt aber nicht.*

vs.

*\*Er kommt allein/sogar/besonders nicht.*

(4) Nem todas as partículas podem aparecer em todos os tipos de frases. Desta forma, *denn*, por exemplo, como partícula modal, está limitada a ocorrer em frases interrogativas, enquanto *doch* justamente quase não aparece em frases interrogativas. Aqui trata-se também apenas da ocorrência em frases imperativas. Por exemplo:

*Komm bloß!*

vs.

*\*Komm leider!*

(5) No processo de transformação em uma oração principal do tipo “*es ist... so, daß*”, pode-se reconhecer se é uma partícula ou um advérbio que se refere à oração toda. Então, em uma estrutura mais profunda, pode-se dizer que eles estão em uma oração-matriz, enquanto que o enunciado da oração superficial encontra-se na oração incluída. Por exemplo:

*Es ist aber so, daß er kommt.*

vs.

*\*Es ist allein so, daß er kommt.*

RUDOLPH admite que seus testes são apenas um início para a análise sintática das partículas, mas não bastam para uma classificação definitiva, e conclui que esta é possível somente após análises individuais detalhadas em um corpus de exemplos abrangentes.

HENTSCHEL & WEYDT (cf. 1990:245s.) também comentam sobre o tratamento das partículas em algumas gramáticas e propõem uma diferenciação bem clara e objetiva entre as partículas e as demais classes de palavras homônimas. De acordo com a pesquisa desses autores, sob o conceito geral “partículas” ou “partículas no sentido amplo” são reunidos nas gramáticas as mais diferentes classes de palavras. O DUDEN (cf. 1984: 345-381), por

exemplo, considera como partículas advérbios, preposições e conjunções. HELBIG & BUSCHA (cf. 1984:475-499), ao contrário, limitam o conceito “partículas” ao grupo que tradicionalmente é chamado de “partículas de gradação” (em alemão *Gradpartikeln*); para eles não existe um conceito geral para um grupo maior de palavras. Enquanto ALTMANN (cf.1976: 3) utiliza o conceito “partícula” para alguns tipos de palavras não-flexionáveis, inclusive as interjeições (que ele chama de “partículas de interjeição” (em alemão *Interjetionspartikeln*)), as interjeições não são consideradas como partículas pelas gramáticas como o DUDEN (cf.1984), que usam o conceito para todos os outros tipos de palavras não-flexionáveis, apesar da não-flexionabilidade das interjeições, e são tratadas como uma classe independente de palavras. ENGEL (cf. 1988: 767) acrescenta, além dos tipos de palavras considerados por ALTMANN, ainda as “partículas de cópula” (em alemão *Kopulapartikeln*), um tipo de palavra que normalmente é tratado em outras gramáticas como adjetivos (apenas predicativos).

A definição de “partícula” dada explicitamente ou entendida implicitamente é baseada, como mostram esses exemplos, muitas vezes na “não-flexionabilidade”. A flexionabilidade é, porém, um critério incerto para a divisão das classes de palavras, de acordo com o qual é preciso aceitar que as definições daí desenvolvidas só têm validade para algumas línguas. Por isso, parece ser mais significativo partir de aspectos fundamentalmente semânticos para a definição de partículas: da diferenciação entre significados e significados categoremáticos (lexicais), dêiticos e categóricos. Baseado nisso, as “partículas no sentido amplo” podem ser definidas como palavras sem significado categoremático ou categórico.

Segundo HENTSCHEL & WEYDT (cf. 1990:245s.), como partículas no sentido amplo podem ser consideradas as seguintes classes de palavras: preposições, conjunções, advérbios conjuncionais, palavras modais, partículas modais, partículas de intensidade, partículas de foco, partículas de resposta e partículas de negação. Cada uma dessas classes é definida por eles da seguinte maneira:

As **preposições** relacionam-se sempre com um elemento nominal, junto com o qual elas formam uma parte da oração. Como constituintes dessa parte da oração, elas são necessárias e indispensáveis.



Ex.: *Nach dem Essen gehen wir spazieren.*

As **conjunções** têm primariamente a função sintática de ligar orações ou partes de orações.

Exs.: *Hans und Eva streiten sich.*

*Jochen kann heute nicht kommen, weil er krank ist.*

Os **advérbios conjuncionais** (em alemão *Konjunktionaladverbien*), também chamados **pronominais**, formam um grupo heterogêneo de palavras que, assim como as conjunções, servem à junção semântica de orações, com a diferença de que se comportam sintaticamente como advérbios. No alemão, a diferença entre as conjunções e os advérbios conjuncionais torna-se facilmente clara pela posição das palavras: as conjunções levam o verbo finito ao final da frase (conjunções subordinativas) ou ficam no início da oração principal, sem ocupar o lugar na frente do verbo finito (conjunções coordenativas). Os advérbios conjuncionais, ao contrário, ocupam a posição inicial, ou se integram na oração, ou seja, no interior dela. Nem todos são partículas.

Ex.: *Ich habe den Unfall nicht gesehen; deshalb kann ich nichts darüber sagen.*

As **palavras modais** (em alemão *Modalwörter*) servem à expressão do grau de probabilidade de um enunciado, variando desde o “completamente certo” até o “impossível”.

Ex.: *Vielleicht kommt er noch.*

As **partículas modais**<sup>4</sup> produzem a relação entre um enunciado e seu contexto e expressam a atitude do falante com relação ao enunciado.

---

<sup>4</sup> A definição deste tipo de partículas, que é a que mais interessa ao objetivo deste trabalho, será mais detalhada a seguir.

Ex.: *Wie heißt du denn?*

As **partículas de intensidade** (em alemão *Intensivpartikeln*) modificam o conteúdo, expresso por meio de uma outra palavra, reforçando-o ou enfraquecendo-o.

Ex.: *Der Film war **sehr** interessant.*

As **partículas de foco** (em alemão *Fokuspartikeln*) são definidas pela formação do foco da oração juntamente com seu escopo.

Ex.: ***Nur** du kannst mir helfen.*

As **partículas de resposta** servem como resposta positiva ou negativa às perguntas polares.

Ex.: *Hast du schon gegessen? - **Ja** / **Nein**.*

As **partículas de negação** servem à negação.

Ex.: *Ich kann heute **nicht** kommen.*

— As partículas modais são sempre usos especiais de palavras que têm primariamente outras funções, e é esta característica que as diferencia das outras classes de palavras. Por partículas de nuança entende-se aqui partículas como *ja, denn, doch, wohl*, quando aparecem em determinados contextos, por exemplo: *Das ist ja unerhört! Wie heißt du denn? Mach doch kein so böses Gesicht! Warum hat er das wohl getan?*

As partículas modais não são formadas como muitos termos, mas elas se formam historicamente. “A formação de significados de nuança é, na maioria dos casos, a consequência de uma modificação de aspecto, que é provocada pelo uso constante em um determinado contexto (...). Trata-se, portanto, (...) de consequências coletivas não

intencionais de atos individuais intencionais e, assim, de um ‘fenômeno do terceiro modo’, que não é nem um produto de causa natural nem um artefato criado intencionalmente, mas um pouco das duas coisas, ou seja, a consequência de causa não intencional da soma de atos individuais intencionais.” (cf. BURKHARDT 1994:138s.)

Na seguinte lista serão apresentadas as principais palavras capazes de modalização, seguidas de um exemplo de seu uso sem valor modal (a) e outro como partícula modal (b). (cf. HENTSCHEL & WEYDT 1990: 281-282).

***aber***

- (a) *Er ist sehr groß, aber schwach.*
- (b) *Seid ihr aber groß geworden!*

***auch***

- (a) *Hans hat die Prüfung bestanden und Fritz auch.*
- (b) *Haben Sie auch nichts vergessen?*

***bloß / nur***

- (a) *Ich habe ihm bloß / nur meine Meinung gesagt.*
- (b) *Mach bloß keinen Fehler!*

***denn***

- (a) *Er kennt den Mörder, denn er hat die Tat gesehen.*
- (b) *Wie heißt du denn?*

***doch***

- (a) *Alles war still, doch dann ging das Gewitter los.*
- (b) *Das mußt du doch zugeben!*

***eben***

- (a) *Ich bin eben erst gekommen.*
- (b) *Das geht eben nicht anders.*

***eigentlich***

- (a) *Der eigentliche Grund*
- (b) *Wie heißt du eigentlich?*

***einfach***

- (a) *Die Aufgabe ist einfach.*
- (b) *Ich hatte einfach keine Lust mehr.*

***etwa***

- (a) *Etwa 80 Demonstranten*
- (b) *Du hast doch nicht etwa das Fenster aufgelassen?*

***erst***

- (a) *Sie kommt erst morgen wieder.*
- (b) A: *Mein Bruder ist stark.*  
B: *Und meiner erst!*

***halt***

- (a) Imperativo do verbo “halten”
- (b) *Einkaufen kostet halt viel Zeit.*

***ja***

- (a) “Ja” como resposta a perguntas polares.
- (b) *Ich weiß ja, daß das nicht einfach ist.*

**mal**

- (a) *Es war (ein)mal ein kleines Mädchen.*
- (b) *Komm mal her!*

**nur**

- (a) *Er kann Englisch nur lesen, nicht sprechen.*
- (b) *Was soll ich nur tun?*

**ruhig**

- (a) *Die See war ruhig.*
- (b) *Komm ruhig rüber.*

**schon**

- (a) *Es ist schon fünf Uhr.*
- (b) *Du wirst schon sehen, wohin das führt.*

**vielleicht**

- (a) *Vielleicht kommt sie morgen.*
- (b) *Das war vielleicht schön.*

**wohl**

- (a) *Sich wohl fühlen.*
- (b) *Wer hat das wohl geschrieben?*

As partículas modais têm uma série de características semânticas, sintáticas e pragmáticas. Até agora, porém, não se conseguiu, na lingüística, um consenso sobre o limite dessa classe de palavras. Isso se deve ao fato de que, à medida que se aumenta o número de características definitórias, diminui-se a abrangência da classe e vice-versa. No próximo capítulo serão arroladas algumas dessas características.

### **3. PARTÍCULAS MODAIS**

#### **3.1 PARTÍCULAS MODAIS: SINTAXE, SEMÂNTICA E FUNÇÃO PRAGMÁTICA**

Nem todas as línguas possuem partículas no sentido aqui entendido. Sua presença, por exemplo, no alemão é um “caso especial”, que deve ser analisado no âmbito da lingüística pragmática, auxiliado por uma descrição semântica e sintática da partícula. Para que se tenha uma noção geral de como funcionam gramatical e semanticamente as partículas modais alemãs e de sua importância como meio comunicativo, é necessário analisá-las sob os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, uma vez que elas obedecem a regras de posicionamento e de tipologia da frase, possuem um “significado” (mesmo que não explícito, mas de alguma forma perceptível e fundamental para o enunciado) e, por fim, possuem uma função comunicativa tão relevante que, por meio delas, podemos modificar ou até mesmo criar situações.

Portanto, quando se analisa uma partícula modal, é essencial que se leve em consideração, além de suas funções sintáticas e semânticas, também o contexto e os interlocutores envolvidos no enunciado em que ocorre a partícula, já que ela se manifesta geralmente na língua falada e tem seu uso diversificado de acordo com o contexto em que aparece. A área que abrange as partículas modais é a da intersecção entre o lingüístico e o extralingüístico, pois a determinação definitiva do significado de uma partícula geralmente se dá apenas em uma “situação de fala” individual. Por outro lado, enunciados contendo partículas podem contribuir de várias formas para “definir a situação”.

Para que se tenha uma idéia clara da localização das partículas modais dentro da lingüística alemã, faz-se necessário incorporar, aqui, alguns conceitos importantes para uma descrição pertinente das partículas. Para isso, serão, a seguir, arroladas algumas teorias, as que julguei mais importantes para os objetivos aqui propostos.

No consciente de cada pessoa existe um certo número de conhecimentos armazenados sobre as relações dos objetos, sobre o modelo do meio, que mostram um caráter resistente. É este conhecimento das relações inabaláveis no ambiente que nos permite, não expressá-las abertamente, mas apenas pensá-las, “guardá-las na memória” (daí veio o termo grego “entimema” - “o que é guardado na memória”). Graças às formações lingüísticas como as conjunções coordenativas, as partículas lógicas, as conjunções subordinativas, as palavras lógicas e as partículas modais, que servem à expressão da idéia “escondida”, “encolhida”, temos a possibilidade de transmitir nossas reflexões de forma lingüisticamente variada, extremamente flexível e refinada (cf. KRIVONOSOV 1983: 42).

Além da complexidade terminológica, o problema das partículas apresenta também variedade em sua própria definição. Como foi visto, na literatura da lingüística alemã podem ser encontrados diversos grupos de palavras sob a denominação de partículas: desde grupos mais abrangentes, que consideram partículas todas as palavras não-flexionáveis (como as conjunções, preposições, advérbios e palavras modais), passando por grupos mais restritos, que abrangem as partículas de negação (*Er arbeitet nicht*), as palavras modais (*Er arbeitet hoffentlich*) e as partículas modais (*Er arbeitet doch*), restringindo-se ainda mais com a consideração apenas de palavras que formam uma classe própria, diferenciando-se dos advérbios, palavras modais, preposições e conjunções e, por fim, o grupo mais restrito, que reduz as partículas apenas às palavras modais (cf. HELBIG 1988). Para o conceito geral *partícula*, será adotada neste trabalho a interpretação de HENTSCHEL & WEYDT, apresentada no capítulo anterior, que considera partículas as preposições, as conjunções, os advérbios conjuncionais, as palavras modais, as partículas modais, as partículas de intensidade, as partículas de foco, as partículas de resposta e as partículas de negação, e, assim como naquele estudo, aqui também serão tratadas, em especial, as partículas modais.

A descrição das partículas abrange, no mínimo, os seguintes pontos de vista: a frase, que é enunciada para executar o ato de fala, sendo a partícula parte dela, a relação falante-ouvinte, pressuposições fornecidas pela interação precedente e finalmente as intenções, que são reforçadas de acordo com o interesse do falante pelo uso das partículas. Apresentando os aspectos relevantes da descrição das partículas, SANDIG (cf. 1979) toma por base os postulados de conversação modificados por GRICE (cf. 1968) e adotados por KASHER

(cf. 1977), ou seja, o princípio da escolha dos meios que o falante julga como mais eficientes e mais simples para a realização de sua intenção. Este princípio da escolha do meio eficiente, segundo KASHER, apóia-se nas seguintes leis: 1. a lei da quantidade eficiente dos meios, 2. do uso de meios convencionais (qualidade), 3. consideração dos interesses de outros na escolha dos meios (relevância) e 4. escolha dos meios (maneiras) que levam ao objetivo da forma mais direta e simples possível.

HENTSCHEL (cf. 1983) preocupou-se, nesse estudo, com as partículas relacionadas ao seu posicionamento dentro da frase. Este trabalho de HENTSCHEL traz observações tão significativas, que será tratado, aqui, em detalhes. Ela demonstrou que as partículas modais têm a capacidade de ocupar o primeiro lugar nas orações afirmativas, podendo ser subdivididas em partículas capazes de iniciar a oração e as que não são capazes de iniciar a oração, sendo que a maioria das partículas se encaixam na segunda categoria. Com exceção dessa limitação, a posição das partículas nas orações apresenta grande flexibilidade, comparável à dos advérbios: com poucas exceções, eles podem ocupar todas as posições na frase, sem que se dê, com isso, uma mudança imediatamente perceptível do sentido da frase ou do valor comunicativo. Para provar esta grande variabilidade de posição, HENTSCHEL parte do seguinte exemplo.

(1a) Frau Neumann hat [ ] gestern [ ] ihrer Tochter [ ] das versprochene Fahrrad [ ]  
geschenkt.

Em todas as posições marcadas por [ ] podem entrar partículas modais, como por exemplo *ja*, *doch* ou *jedenfalls*. As partículas capazes de ocupar a posição inicial podem, além das posições assinaladas, ainda ocupar a primeira posição:

(1b) *Jedenfalls* hat Frau Neumann gestern ihrer Tochter das versprochene Fahrrad  
geschenkt.

A partir disso, HENTSCHEL verifica, primeiramente, as seguintes regras para o posicionamento das partículas modais:



- Partículas capazes de ocupar a posição inicial e as não capazes de ocupar a posição inicial diferenciam-se somente por sua capacidade de ocupar a posição inicial.
- Ambas as partículas podem aparecer em qualquer lugar na frase (exceção: a posição inicial para as partículas não-capazes de ocupá-la).

Esta mobilidade é limitada apenas pelas seguintes regras de posicionamento das orações principais alemãs:

- Aos constituintes verbais fica reservada a segunda posição (verbo conjugado) e a última (constituintes restantes como prefixos, participípios etc.).
- Pronomes como sujeitos ou objetos da oração devem, se eles não estão especialmente enfatizados, sempre ficar imediatamente antes (no caso do sujeito) ou diretamente depois (sujeito e objeto) do verbo flexionado.

Mas, na tentativa de se usarem as regras de posicionamento, aqui verificadas, em outros exemplos, HENTSCHEL verifica que, aparentemente, existem outras limitações, e ainda em uma quantidade tão grande, que não se imaginava inicialmente. Ela toma, então, os seguintes exemplos:

(2a) Er hat *doch* das Auto geklaut.

(2b) Er hat das Auto *doch* geklaut.

(2c) Er hat *doch* ein Auto geklaut.

(2d) \*Er hat ein Auto *doch* geklaut.

A partir desses exemplos, a autora observa que a ocorrência de um objeto com artigo indefinido impede que a partícula fique depois deste objeto. E que o mesmo fenômeno pode ser observado para sujeitos com artigo indefinido:

(3a) Gestern abend hat *doch* der Versicherungsvertreter angerufen.

(3b) Gestern abend hat der Versicherungsvertreter *doch* angerufen.

(3c) Gestern abend hat *doch* ein Versicherungsvertreter angerufen.

(3d) \*Gestern abend hat ein Versicherungsvertreter *doch* angerufen.

HENTSCHEL conclui, aqui, que o componente introduzido pelo artigo indefinido faz com que a partícula seja anteposta. Este componente eficaz, denominado por ela como “indefinição”, pode ser expresso, além de o ser pelo uso do artigo indefinido, também pela falta do artigo, por pronomes indefinidos ou pelos cardinais:

(4a) Ich habe das Geld *doch* mitgenommen.

(4b) \*Ich habe Geld *doch* mitgenommen.

(4c) \* Ich habe viel/etwas Geld *doch* mitgenommen.

(4d) \* Ich habe zehn Mark *doch* mitgenommen.

A posposição da partícula é, por outro lado, possível em todas as formas da “definição”, portanto, após artigo definido, pronomes possessivos (*Gestern hat mein Freund doch angerufen*), demonstrativos (*Ulla hat mir dieses Buch doch zurückgegeben*) e atributos no genitivo (*Ulla hat mir Werners Buch doch zurückgegeben*). Os atributos de adjetivo, se eles não aparecem com um artigo definido complementar, parecem, ao contrário, não influenciar a indefinição da parte da oração determinada mais de perto por ele:

(5a) \*Er hat schlechte Laune *doch* gehabt.

(5b) \*Er ist durch pausenloses Dazwischenreden *doch* aufgefallen.

Entretanto, esta é uma regra que permite exceções:

(5c) Wir sind vor ansteckenden Krankheiten *doch* geschützt.

é uma oração absurda quanto ao conteúdo, mas sintaticamente bem formulada. Uma contradição semelhante mostra-se nos seguintes dois exemplos, que contêm adicionalmente verbos modais:

(6a) \*Er muß Aktien *doch* besitzen.

(6b) Man muß Gerichtsentscheidungen *doch* akzeptieren.

Partindo, principalmente, da observação do último par de exemplos, HENTSCHEL conclui que a verdadeira causa das diferenças observadas na distribuição das partículas está na relação tema/rema da frase<sup>5</sup>. A regra que a autora tira do conjunto de suas observações diz, então:

*Partículas modais posicionam-se necessariamente antes do rema.*

HENTSCHEL coloca, aqui, a questão de que uma tal regra de posicionamento implica em conseqüências para a interpretação da frase, de suas partes individuais e da semântica das partículas. E que, por outro lado, este é um reconhecimento que pode se tornar útil para a aula de alemão como língua estrangeira.

Quando se associa essa idéia à interpretação em geral difundida de que complementos invariáveis sempre têm caráter temático, conclui-se que o papel do tema na frase alemã, fora sujeitos e objetos, pode ser assumido apenas pelo predicado e suas partes (por exemplo, pelo predicativo). Como o predicativo, assim como as partes do predicado, devem posicionar-se sempre no fim da frase, a partícula não tem, nestes casos, outra

---

<sup>5</sup> Com relação à definição de tema e rema, HENTSCHEL diz aqui: “Antes de entrar mais fundo nesta questão, eu gostaria de esboçar de qual conceito de tema/rema eu parto para minhas reflexões. Principalmente na área de pesquisas gramaticais aparecem aqui em parte consideráveis divergências de interpretações. BOOST (cf. 1955), por exemplo, a quem cabe o mérito de ter introduzido a estrutura tema/rema na pesquisa sintática alemã, interpreta o rema como tudo o que está antes da forma flexionada do verbo na frase; outros autores, em contrapartida, interpretam o rema como tudo o que segue ao tema na frase, o que pode ocasionar, por sua vez, definições divergentes sobre o que se entende por tema.” Em relação ao presente trabalho, assim como para o estudo de HENTSCHEL em questão, entende-se por tema “a parte do enunciado que contém a informação conhecida ou dada pela situação ou contexto, que contém, portanto, menos informação do que o rema” (cf. LEWANDOWSKY, 1990) e, por rema, entende-se “tudo o que se segue ao tema, a verdadeira informação, a informação nova, com o maior valor comunicativo” (cf. ibd.)

possibilidade senão a de se posicionar antes deles. A este respeito, HENTSCHEL apresenta o caso de um predicado remático quando o conteúdo semântico já está contido na parte flexionada do verbo, ou seja, quando o verbo flexionado forma o rema da oração. As partículas não-iniciais não têm, neste caso, outra possibilidade a não ser a de se posicionar após o rema. Confira os seguintes exemplos:

(7a) \*Er hat Launen *doch*.

(7b) Er verurteilt Launen *doch*.

No exemplo (7b), o verbo flexionado é o portador do maior valor comunicativo na frase; com isso, surge a possibilidade de posposicionamento da partícula, embora um objeto indeterminado (*Launen*) esteja à frente. HENTSCHEL interpreta este fenômeno da seguinte maneira:

Como foi mencionado, as regras de posicionamento para constituintes verbais na frase alemã ditam que todas as partes gramaticais e lexicais do predicado devem estar sempre no final da frase. Desta forma, é produzida uma relação muito próxima entre a posição final e o verbo conjugado, tanto mais que os constituintes que se encontram em posição final carregam partes essenciais da informação semântica. Esta estreita relação entre posição final e verbo flexionado condiciona a posição final da partícula naqueles casos nos quais o verbo flexionado é portador do maior valor comunicativo. Esta relação pode ainda ser interpretada de forma que, ao nível do posicionamento frasal, acontece uma referência da partícula ao rema. Este estudo tem, porém, várias conseqüências: ele leva à inferência de que a partícula não só se posiciona normalmente antes do rema, mas que ela se refere a ele.

Até aqui HENTSCHEL considerou, de forma geral, que as partículas são meta-comentários que se referem à frase toda, cujo enunciado geral ela comenta em um nível mais alto. As limitações de posicionamento condicionadas semanticamente que foram verificadas e, sobretudo, as particularidades da posição final mencionadas ao final mostram, porém, que as partículas relacionam-se, ou pelo menos podem se relacionar, com partes individuais da oração em um grau muito mais alto do que até então se acreditava. Portanto, isso fala em

favor da tese de que partículas modais são interpretadas como dêiticos (não como dêiticos locais ou temporais, mas como dêiticos comunicativos).

Desta forma, os dêiticos adverbiais, assim como outros advérbios, têm a possibilidade de se referirem à frase toda ou a partes dela. Em locuções como *das Haus dort* ou *die Fete gestern*, eles podem até mesmo distinguir funções atributivas. Um tal uso atributivo pode ser observado também nas partículas modais, principalmente no caso da combinação das conjunções subordinativas causais *da* e *weil* com a partícula *ja*. Nestes casos, a partícula não ocupa nenhum lugar próprio na frase, mas introduz a oração subordinada juntamente com a conjunção.

O uso atributivo de uma partícula é o caso mais evidente de uma referência das partículas a partes individuais da frase. Em casos como a posição final da partícula com verbo flexionado remático, pode-se pelo menos pressupor que a partícula é focada no verbo e que entre ela e o predicado existe uma estreita relação, como se deu com as outras partes da frase.

As partículas modais podem, portanto, estar em estreita relação com uma parte individual da frase. Mas elas também podem, de acordo com sua definição original, comentar a frase como um todo. Esta diferente focalização da partícula expressa-se através de sua posição na frase, como é o caso semelhante, por exemplo, da negação com *nicht*. Aqui, HENTSCHEL apresenta o seguinte exemplo:

(8a) Goethe hat “Durchs wilde Kurdistan” *nicht* geschrieben.

vs.

(8b) Goethe hat *nicht* “Durchs wilde Kurdistan” geschrieben.

A autora observa que, no caso da partícula modal, bem como da partícula de negação, o foco não é sempre claro. Para a interpretação da ênfase, pode-se observar que a referência à frase toda torna-se tão mais provável quanto mais longe estiver a partícula à frente do rema. E completa, com os seguintes exemplos, o esclarecimento desta hipótese:

- (9a) Er schenkt seiner Freundin das Buch *doch* (und leiht es ihr nicht nur).
- (9b) Er schenkt seiner Freundin *doch* ein Buch (und nicht eine Platte).
- (9c) Er schenkt seiner Freundin das Buch (und nicht seinem Freund eine Platte).

Com relação a esses exemplos, HENTSCHEL afirma o seguinte: os enunciados contrários negados que estão entre parênteses, que estão aqui relacionados ao componente semântico “contradição” da partícula *doch*, devem deixar clara a focalização da partícula quase como paráfrase negativa. Com isso, mostra-se que uma paráfrase negativa para os exemplos (9a) e (9b) não são difíceis de ser encontradas; em (9c), ao contrário, ela é problemática. Uma paráfrase negativa apropriada aqui poderia ser talvez: *und er tut nichts anderes* - isto daria, porém, uma indicação clara de que a partícula estaria aqui se referindo à frase toda e não a partes dela. A posição sobre a qual se supõe que se refira à frase toda e mais frequentemente encontrada na prática é aquela diretamente após o verbo flexionado (respectivamente após os pronomes que estão junto ao verbo, se eles estiverem presentes). Se a partícula estiver em outra posição na frase, então, pode-se supor que os elementos da frase que seguem a ela têm um alto valor comunicativo - portanto, ou representam o rema, ou pelo menos podem ser considerados como estreitamente relacionado a ele. Retornando ao exemplo (1), a autora conclui suas observações:

- (1a) Frau Neumann hat *doch* gestern ihrer Tochter das versprochene Fahrrad geschenkt.
- (1b) Frau Neumann hat gestern *doch* ihrer Tochter das versprochene Fahrrad geschenkt.
- (1c) Frau Neumann hat gestern ihrer Tochter *doch* das versprochene Fahrrad geschenkt.
- (1d) Frau Neumann hat gestern ihrer Tochter das versprochene Fahrrad *doch* geschenkt.

No caso (1a), pode-se considerar que a partícula se refere à frase toda, enquanto no caso (1d) reconhece-se facilmente que a partícula está focalizada no predicado. Nos casos

intermediários, baseando-se nas considerações feitas até aqui, pode-se considerar as referências de acordo como elas foram sublinhadas.

Ainda com relação à sua distribuição, as partículas modais são restritas a determinados tipos de frases, por exemplo, perguntas polares, perguntas de determinação (em alemão *Bestimmungsfrage*), orações imperativas etc.:

(10a) Komm *doch*!

(10b) \*Komm *eigentlich*!

(11a) Was willst du *eigentlich*?

(11b) \*Was willst du *doch*? (cf. HENTSCHEL & WEYDT 1990: 287).

Segundo esses autores, as partículas modais não são passíveis de pergunta, não podem formar a resposta a uma pergunta polar nem uma frase independente. Observe:

(12) A: Fährst du nicht morgen nach Hamburg?

B: *Doch*, ich fahre morgen früh nach Hamburg. (aqui *doch* não constitui partícula modal, mas partícula de resposta).

Freqüentemente, as partículas modais vêm combinadas com outras:

(13a) Was ist *denn eigentlich* passiert?

(14) Kannst du mir *mal eben* helfen?

(15) Das ist ja denn *doch wohl* ein bißchen zu viel!.

E, neste caso, a seqüência de sua ordenação não é de forma alguma aleatória, mas obedece a regras bem determinadas. Quando se observam os casos de combinações de partículas, verifica-se que a maioria das permutas entre elas não é possível, mas ainda não se encontrou uma explicação categórica para o motivo disso:

(13b) \*Was ist *eigentlich denn* passiert? (cf. HENTSCHEL & WEYDT 1990: 287).

Por “combinação de partículas”, entende-se a seqüência de várias partículas formadoras de uma unidade entonacional em um enunciado. Sua característica principal é a discrição, ou seja, elas são sempre pronunciadas rapidamente e sem ênfase, como em (16), quando *Sprache* e *wandeln* carregam acentuação mais forte (cf. SANDIG 1979: 88, apud RUDOLPH 1983).

(16) und deshalb kann sich Sprache *doch aber auch* wandeln.

Já é difícil dar um significado único às partículas individuais; com a seqüência de várias partículas é quase inimaginável partir de dados semânticos e chegar aos enunciados pelas funções, embora a relação entre significado e função seja óbvia. A função sintática das combinações de partículas é certamente de peso menor do que a função comunicativa. Elas aparecem quase que somente em frases afirmativas curtas, no meio. Elas nunca estão no começo e raramente no final da frase. Não há uma correspondência direta entre classe e partículas: cada partícula pode ser classificada em várias classes de funções ao mesmo tempo. Em geral, não é simples falar de funções quando a característica principal, como no caso das combinações de partículas, é a falta de uma acentuação clara na fala rápida. Seria mais fácil aceitar que o uso da combinação é quase inconsciente ao falante. Por outro lado, o falante atento presta menos atenção à forma do enunciado que ao seu conteúdo, embora sua compreensão do conteúdo seja decidida justamente por causa da forma. E neste sentido, os fenômenos lingüísticos introduzidos menos conscientemente, têm também uma função comunicativa. No sentido pragmático, elas servem sobretudo à compreensão, também em frases curtas, acusticamente simples. A maior parte das questões em aberto referem-se à semântica. Apesar da falta de acentuação das combinações de partículas, pode-se geralmente verificar posteriormente que o valor semântico de partículas individuais é usado exatamente de acordo com a situação. O fenômeno das combinações de partículas parte de sua espontaneidade. Embora elas sejam pronunciadas sem acentuação e rapidamente, e nenhum falante se lembre imediatamente depois qual combinação ele acabou de usar, ele não se repete (cf. RUDOLPH 1983).



Tirando-se umas poucas exceções (*allerdings, freilich, halt, gefälligst, immerhin, jedenfalls, ohnehin, sowieso, übrigens*), as partículas modais surgidas historicamente são apenas partes de palavras que antes já apareciam em outros significados e ainda hoje, na maioria dos casos, continuam a ser usadas nesses significados. A maior parte das partículas de nuança são, por isso, apenas significados parciais de adjetivos, advérbios ou conjunções e, em parte, são até mesmo flexionáveis. Em seus significados de nuança elas são, porém, geralmente não-flexionáveis e têm o direito - também no sentido gramatical - de serem consideradas como partículas. (cf. BURKHARDT 1994:130s.)

A questão da implicatura<sup>6</sup> ou do significado das partículas coloca-se em dois sentidos diferentes: primeiramente, existe para quase todas as partículas de nuança um advérbio idêntico ao conteúdo proposicional. Quase sempre tem-se também a intuição de que o significado do advérbio e da partícula modal têm alguma coisa em comum, uma intuição que é, porém, geralmente muito difícil de se explicar. O mesmo vale ainda mais fortemente para variantes de significado da mesma partícula (será que de fato é a mesma?) em diferentes contextos. Portanto, o significado da partícula freqüentemente co-varia com indicadores elocucionários, por exemplo, em uma pergunta, ele é diferente do que em uma oração afirmativa ou pode aparecer somente em uma ou outra. Mesmo quando podem ser produzidas relações evidentes entre o significado do advérbio e o da partícula, o significado da partícula é claramente convencionalizado e a dedução do significado do advérbio é dificilmente perceptível a um falante normal. A diferenciação advérbio-partícula pode ser assegurada também por outros argumentos: entonação, sintaxe, inclusive limitações de combinações entre as partículas. Na diferenciação de nuanças das partículas, é ainda mais difícil encontrar uma solução geral (cf. FRANCK 1979).

BURKHARDT (cf. 1994: 148) também defende a teoria de que as partículas modais são, na verdade, “descendentes” de advérbios, baseado no fato de que elas são traduzidas, por

---

<sup>6</sup> Implicaturas são “conteúdos que não estão convencionalmente ligados a determinados enunciados lingüísticos, mas são deduzidos pelos participantes de uma comunicação, com base na forma de um enunciado e sua relação com elementos situacionais e não-verbais.” (cf. GRICE, 1975)

exemplo para o francês, o italiano e o inglês, não raramente por advérbios, marcados claramente na gramática como tais (p.ex. *halt* e *eben* pelo fr. *précisément* ou *justement*, ital. *appunto* ou *veramente* e ing. *simply* ou *just*), baseado também na referência à origem adverbial da maioria dessas palavras e ainda no fato de que as partículas modais ocupam na frase alemã a mesma posição que os advérbios usados no meio ou no início da frase, sendo, por isso, essas duas classes classificadas e tratadas da mesma forma nas gramáticas mais antigas. Conclui, então, que se trata, neste caso, de um grupo especial de advérbios; que eles - embora de diferente origem categorial - teriam se modificado semanticamente, de tal forma que não mais se relacionariam, de acordo com características temporais, locais, modais ou predicativas, com a atividade ou estado expressos pelo verbo, mas, ao contrário, se relacionariam com a proposição, como expressão da subjetividade do falante quanto ao enunciado como um todo. Para BURKHARDT, talvez devêssemos falar, portanto, de advérbios de nuance - ou advérbios modais (em alemão *Abtönungsadverbien*) - em vez de partículas modais (*Abtönungspartikeln*).

A inconsistência das partículas é menos uma questão de falta de clareza de princípio do que uma flexibilidade do significado, que possibilita adaptar exatamente o enunciado ao respectivo contexto, incluir este contexto no significado geral e, desta forma, reconstruir também uma definição do contexto, da maneira como ele é relevante no momento. Na explicação do significado das partículas precisam ser relacionadas as características semânticas, contextuais, regras de interpretação e normas de interação, que devem ser moldadas umas às outras. Cada vez mais chega-se perto da alternativa de se explicar um significado da partícula com implicadura de contexto e de um significado geral, ou como significado independente, de tal maneira que se possa falar de uma genuína *homonímia* ou *ambigüidade*. (cf. FRANCK 1979).

Para as partículas modais também vale a premissa de que cada uma delas, como sinal lingüístico, tem um significado próprio. Este, porém, diferencia-se e gradua de acordo com os determinantes do contexto e da situação, como é o caso de todos os sinais lingüísticos. (cf. WEINRICH 1993: 844)

Sob o ponto de vista semântico, normalmente diferenciam-se dois grandes grupos de classes de palavras. O primeiro grupo é formado por aquelas palavras às quais é atribuído um significado “independente”, “pleno”, “lexical”, como, por exemplo, substantivos, verbos e adjetivos. No outro grupo, o qual representa, portanto, uma classe restante de significado teórico, são reunidas todas as classes de palavras às quais não se atribui a característica de possuírem “significado no sentido completo”. A este grupo pertencem, entre outras, palavras como artigos, preposições, conjunções, advérbios e as chamadas partículas. Essas palavras foram chamadas, em contraste com as “palavras cheias” (em alemão *Vollwörter*) ou “palavras de conteúdo”(em alemão *Inhaltswörter*) também de “palavras funcionais” (*Funktionswörter*), “palavras estruturais” (*Strukturwörter*) e denominações semelhantes. A subclassificação da teoria do significado, a qual se deve essa divisão em duas partes do vocabulário, torna-se mais clara pelo par de conceitos *Autosemantika* e *Synsemantika*<sup>7</sup>: apenas às chamadas “palavras cheias” é atribuída a capacidade de expressar “significados independentes” (*Autosemantika*), enquanto todas as outras palavras preencheriam, “junto” com as palavras cheias (*Synsemantika*), no máximo, uma função lingüística e não teriam nenhum significado “próprio” ou “real” (cf. BUSSE 1992: 38/39).

Para BUSSE (ibd.), a descrição dos significados das partículas move-se na literatura lingüística atual entre dois extremos: de um lado, as descrições mais detalhadas de uma abundância quase ilimitada de significados individuais de uma partícula de acordo com o tipo de frase, o tipo de ato de fala e as constelações de situações e contextos; do outro lado, o esforço para se conseguir uma descrição abstrata abrangente. Este fato acarreta dois “dilemas” para o estudo das partículas. O primeiro é o chamado “dilema da transparência” (em alemão *Transparenzdilemma*): “Descrevendo-se detalhadamente cada variante de significado das partículas, desvia-se a atenção do fato de como as variantes se relacionam e, desta forma, confunde-se mais do que se esclarece ao usuário do dicionário, o professor e o aluno de alemão.” O contrário se dá no “dilema da abstração” (*Abstraktionsdilemma*): “Descrevendo-se o significado geral mais abrangente possível de todas as variantes de uma

---

<sup>7</sup> Os termos *Autosemantika* e *Synsemantika* foram mantidos em alemão, por não estarem dicionarizados em português.

partícula (às vezes também os homônimos), este significado torna-se abstrato demais e geral demais para poder esclarecer o caso individual. Isto significa que é muito difícil aplicá-lo de forma a poder ajudar efetivamente um aluno de alemão a entender melhor as partículas ou a usá-las melhor.”

Na descrição do significado das partículas, esbarra-se nas fronteiras da semântica das palavras, e isto por dois motivos. Em primeiro lugar, os significados desses meios lingüísticos são, de certa forma, dependentes da compreensão, já que contêm referências a contextos situacionais e epistêmicos, que sempre devem ser compreendidos pelo receptor. Em segundo lugar, as partículas desdobram seu significado apenas com relação à frase como um todo. Cada significado de uma partícula pode depender do conteúdo do elemento da frase ao qual ela se refere, do tipo de frase (oração afirmativa, interrogativa ou imperativa), da posição da partícula na cadeia frasal, da entonação da frase, da elocução etc. As partículas desdobram sua função comunicativa apenas na combinação de todos esses diferentes meios lingüísticos e por isso são, como dito com razão, de certa forma, meios lingüísticos. A semântica das partículas é, por isso, principalmente uma questão da (ainda não suficientemente desenvolvida) *Synsemantika*, e menos da semântica das palavras. Se uma mudança de posição das partículas na frase já pode causar uma mudança de sentido (ou mesmo a mudança da classe de palavra, por exemplo de partícula para advérbio ou para conjunção), então, é questionável, com a semântica das partículas, também a separação clara entre sintaxe e semântica. Somente quando a semântica da frase, que ainda se encontra muito em seu início, tiver alcançado um poder de esclarecimento maior, pode-se esperar também melhoras decisivas na área da semântica das partículas; neste sentido certamente também vale o contrário: uma descrição dos significados das partículas que abranja todos os fatores relevantes ao significado que atuam na frase como um todo também é uma colaboração para o aperfeiçoamento da semântica da frase (cf. ibd.: 48/49).

Significado de uma palavra é a capacidade que ela tem de ser substituída e de ser parafraseada, ou seja, a possibilidade de produção de equivalência semiótica dentro de um mesmo ou de um outro sistema. (cf. BURKHARDT 1994:132). As partículas de nuança têm a função de situar o enunciado no contexto da fala. Elas dão ao outro informações sobre em que contexto a frase foi realizada e possibilitam a ele classificá-la pragmaticamente. Pode-se

parafrasear seu significado na forma de meta-comentário, de um comentário sobre o enunciado (cf. HENTSCHEL & WEYDT 1990: 283). Para FRANCK (cf. 1979), as partículas modais servem para “vincular” o enunciado ao contexto conversacional ou argumentativo, e também emprestam expressão ao lado emotivo do enunciado, indicam o estado de espírito dos interlocutores.

As partículas modais aparecem principalmente na língua falada, nos diálogos, e aí sobretudo quando os falantes procuram travar contatos pessoais um com o outro. (cf. HENTSCHEL & WEYDT 1990: 287). Na literatura da pesquisa sobre partículas, encontram-se sempre indicações quanto à ocorrência especial das partículas sobretudo na língua falada. Autores mais antigos, como por exemplo BEHAGEL (cf. 1928, apud ibd.), caracterizam as partículas principalmente como formas ocorrentes da “fala oral”. OPALKA (cf. 1977, apud ibd.) aponta para a presença de partículas enfáticas “primeiramente na língua cotidiana falada”. HENNE (cf. 1978, apud ibd.) denomina uma determinada classe de funções das partículas expressamente como “palavras do diálogo” (em alemão *Gesprächswörter*) (cf. WEBER 1983).

A retórica é aqui vista como uma “teoria da fala desencadeadora de atos” (cf. GEISSNER 1971:55, apud HARDEN 1983). Com “retórica do cotidiano”, pensa-se correspondentemente em uma “técnica de fala”, que está à disposição de todos os falantes de uma língua, mesmo aqueles sem uma escolarização especial. Aqueles pequenos truques e artimanhas que todos usam todos os dias, para conseguir certos efeitos entre seus semelhantes, ou seja, levá-los a determinados atos ou a uma mudança de ato.

O sucesso da comunicação retórica baseia-se na força de convencimento do falante, na “dinâmica (*dynamis*) de reconhecer o que pode ser realizado com motivos fortemente convincentes em cada ato específico.” (ARISTOTELES 1355b:25, apud ibd.). Com meios retóricos desencadeia-se, portanto, uma ação, quando o “receptor” concorda ou precisa concordar com os argumentos do “emissor”, com sua força de convencimento ou plausibilidade, porque ele não pode refutar aquele argumento concludente.

Freqüentemente, porém, na comunicação retórica do cotidiano, não se trata da força de convencimento de argumentos objetivos, mas da inclusão mais hábil possível de meios verbais pela imposição dos interesses próprios ou “facciosos”. Mas, mesmo nestes casos, precisa-se entrar em um acordo, ou seja, mesmo que não haja um argumento objetivo, a afirmação em discussão precisa ser corroborada de alguma forma.

Partículas modais são palavras de função comunicativa. Elas constituem um meio de explicitação do aspecto da relação, que muitas outras línguas não possuem, ou pelo menos não na quantidade do alemão. Seu uso correto na aquisição do alemão como língua estrangeira mostra, desta forma, o alcance de níveis mais altos do polimento estilístico. De maneira geral, essas partículas expressam a avaliação subjetiva do falante com relação a diferentes elementos da situação comunicativa. A esta situação pertencem o saber e os desejos do ouvinte, o modo de ligação com aquilo que foi dito ou feito anteriormente e as opiniões e preferências do falante. Neste sentido, as partículas de nuança são meios da “dêixis comunicativa” (HENTSCHEL 1986: 31s.). Como se trata, na informação que é acrescentada aos enunciados com sua ajuda, de avaliações do falante, que se relacionam com aspectos da situação comunicativa, nem as partículas nem seu significado de nuança podem fazer parte da proposição expressa pela oração. Antes poderiam as partículas de nuança serem determinadas como meios de expressão de pressuposições pragmáticas, que operam sobre toda a proposição, ou seja, como indicadores de “atos pressuposicionais” executados adicionalmente (cf. BURKHARDT 1994: 133).

WEYDT (cf. 1969, apud KIRSTEIN 1983) usou o conceito de “situação de fala” variadamente no sentido de um simples auxílio, o qual poderia ser descartado, se se verificasse um “significado básico” para cada partícula. Também LÜTTEN (cf. 1977, apud ibd.) procurou “significados básicos” de partículas isoladas - sobretudo sem a ajuda (explícita) do conceito de “situação de fala”. Aqui, não se está perguntando se cada partícula tem sempre um “significado primário” ou se, para cada partícula, sempre se pode tirar um “significado básico” das muitas possibilidades de uso. Aqui, só está sendo levado em conta quais fatores têm importância na situação dada, na qual o enunciado que contém a partícula aparece, se o “significado primário” ou *quanto* de um “significado básico” possível da partícula é realizado. E se tomarmos “significado” em um sentido mais amplo, então, ele se constitui *definitivo* para

as partículas somente por meio dos pontos de orientação dos “fatores situativos” de uma “situação de fala” presente (cf. KIRSTEIN 1983).

Quando se trata de funções das partículas em interação dialógica, isto significa que não é visto apenas o uso lingüístico oral e escrito em sua legitimidade própria, mas também são incluídos, na base material da pesquisa das partículas, diálogos cotidianos, conversas informais e, com isso, fatos lingüísticos atuais. Isto significa, ao mesmo tempo, que o contraste entre o uso lingüístico oral e o escrito é sobreposto pelas transições correntes, pelas nuances na escala do uso lingüístico informal, mais privado, ao formal, mais público (cf. WEBER 1983).

Por meio das partículas, é transmitida uma quantidade significativa de informações sobre a situação de fala, apreciação pelo falante e pelo ouvinte (pelo menos assim o supõe o falante) do que foi falado e sobre a apreciação do que foi dito (cf. WEYDT 1983 b: 183). As partículas modais são sinais de contato textuais. Elas não servem expressamente ao comando da troca de falantes no diálogo, mas se referem de forma igualmente forte aos interlocutores e são, não apenas, mas principalmente, usadas na conversação. Por meio das partículas modais, o falante dá a entender ao seu ouvinte como o valor de uma constatação pode ser “modalizado”, ou seja, pode estar ligado flexivelmente ao contexto ou à situação (cf. WEINRICH 1993: 841).

É interessante observar que, com o uso de partículas de nuance, o enunciado, antes sem partículas, tem menos o seu “significado” mudado do que a forma de transmissão deste significado; pois, sem partículas, temos “rudeza de tom”. As partículas, ao contrário, “conferem harmonia à fala, evitam a rudeza do tom” (WEYDT 1969:21 apud KIRSTEIN 1983). Mas, se com a ajuda de tais formas lingüísticas, produz-se uma “harmonia da fala”, então, com sua ajuda, a situação presente é, no fim, também “nuançada”, “modalizada”. Além disso, uma mudança de clima deste tipo na situação pode também ser produzida por outros meios, como, por exemplo, entonação, mímica, gestos; mas, se o falante tem apenas a possibilidade de produzir este efeito com o uso de partículas, isso não deve significar, porém, que a nuance na atmosfera da situação sempre se dê automaticamente com o simples uso dessas palavras; mas

ela ocorre de forma muito mais gradativa por meio do efeito do enunciado que contém partículas sobre o respectivo ouvinte (cf. KIRSTEIN 1983).

As partículas servem para “vincular” o enunciado ao contexto conversacional ou argumentativo e também emprestam expressão ao lado emotivo do estado de relacionamento entre os interlocutores (cf. FRANCK 1979).

As falas cotidianas diferenciam-se umas das outras em diferentes aspectos: quanto à duração e escolha do tema, quanto à participação dos interlocutores e sua intimidade com o respectivo tema, e quanto às condições situacionais, ou seja, aos fatores externos. O uso e a frequência de partículas e combinações de partículas correlacionam-se com a presença dessas condições. A partir disso, ao observar falas cotidianas, RUDOLPH (cf. 1983) pôde facilmente fazer as seguintes interessantes constatações:

- Quanto mais espontânea a fala em clima de descontração cotidiana, mais partículas.
- Quanto mais difícil o tema - quanto ao conteúdo técnico ou às emoções envolvidas -, maior a frequência de combinações de partículas.
- Quanto mais familiar o tema - porque já foi várias vezes comentado ou premeditado -, menos partículas.
- Quanto mais formal a atmosfera, mais raras as partículas e combinações de partículas.

As falas cotidianas adaptam-se, de acordo com os diferentes interesses, aos seus efeitos de mudança nas áreas da interação de uma comunidade lingüística (família, escola, trabalho, lazer, comércio e administração) e às variedades lingüísticas resultantes principalmente de condições individuais, sociais e geográficas. Esta complexidade na pesquisa das partículas levou necessariamente a que alguns aspectos fossem pesquisados fora da realidade lingüística real. Com isso, surgiram no centro dos interesses as formas de uso das partículas no sentido de uma teoria gramatical e semântica regida por regras (cf. WEBER 1983).

A criança que cresce dentro de uma família é confrontada constantemente com frases iguais em situações que se repetem diariamente (vestir-se, lavar-se, comer, ir dormir



etc.). Noa enunciados que se referem a essas situações, a partícula modal representa um papel importante. São meios principalmente retóricos da linguagem cotidiana para tornar eficiente um ato lingüístico objetivo. Com elas, o falante acentua a intenção contida em seu enunciado (“indicadores elocucionários”, cf. HELBIG 1977<sup>8</sup>), estabelece estratégias, implica explicação, justificação, repreensão (cf. STOLT 1979: 479s.). Diferentemente de HELBIG, SANDIG (cf. 1979) não aceita o fato de que partículas modais sejam indicadores elocucionários. Para ela, dos aspectos de descrição do mesmo tipo de atos de fala e das partículas de nuança resulta muito mais o seguinte: partículas modais servem à modificação do ato de fala; com o auxílio delas, o ato de fala torna-se, na sua execução, mais adequado à realidade da interação. Isto pode agir de forma a que o papel elocucionário do ato de fala realizado torne-se evidente. Mas a tese da indicação do papel elocucionário pelas partículas de nuança parece, à autora, ir longe demais, primeiro, pelo motivo da polifuncionalidade de indicadores de ato de fala em geral e, segundo, pelo motivo da ampla variedade de ocorrência das partículas de nuança.

Se as partículas causam uma mudança de situação ou já uma criação de situação, isto depende da qualidade ou da radicalidade da mudança. Quando a situação, que tinha se apresentado antes, foi mudada de forma drástica pela produção de um enunciado que contenha partícula, pode-se falar, então, de criação de situação. O importante aqui é apenas que seja despertado no ouvinte um sentimento encontrado numa situação completamente mudada e, portanto, nova. Esta sensação de se encontrar numa situação completamente diferente pode surgir quando, de repente, torna-se reconhecível a atitude do falante em relação à fala, e isso acontece por sua inclusão de partículas. Com tal atitude, o falante dá a reconhecer, de certa forma, também sua “verdadeira face”, e ao falante parece que ele se tornou “outro”. E uma mudança radical do interlocutor marca claramente o início de uma nova situação de fala.

---

<sup>8</sup> Aqui, Helbig faz uma distinção entre as chamadas partículas elocucionárias, que, segundo ele, funcionam como indicadores elocucionários (que corresponderiam às partículas modais) e as chamadas partículas semânticas, que “não são indicadores elocutivos, também não dão nuança, mas modificam, especificam, graduam, intensificam etc..” (cf. ÖHLSCHLÄGER 1985: 362).

É claro que as partículas podem ter outras funções bem diferentes na interação lingüística do que a de expressar a atitude: elas podem remeter ao saber compartilhado entre falante e ouvinte, especialmente à história conhecida *só por eles* em suas interações anteriores, e produzir um “tom de fala” especial. Ou, se faltar essa história, as partículas geralmente têm uma “função de contato”, e mais, uma “função de *sustentação* do contato”. Se, ainda, desconhecidos interagirem verbalmente, então, as partículas também entram no nível informal na troca do *status* de cada um. Com a ajuda das partículas, falante e ouvinte sinalizam um ao outro, sem precisar recorrer a conteúdos lingüísticos explícitos, sua “compreensão dos papéis” (cf. KIRSTEIN 1983).

Em vista destas funções, KIRSTEIN (cf. *ibd.*) formula a seguinte tese:

*Toda fala cria alguma situação; fala com partículas cria situações especiais.*

E, a partir disso, conclui que nós não apenas falamos *sobre* e *em* situações, mas também *criamos* situações com nossa fala. Isto significa que nossos enunciados têm um caráter determinador de situações. São especialmente os enunciados que contêm partículas aqueles que definem (devem definir) a situação para os respectivos ouvintes pela referência (implícita) a certos “fatores situativos”, como atitude do falante, grau de saber compartilhado, compreensão dos papéis próprios/comuns etc. Se, em tais enunciados, a(s) partícula(s) for(em) suprimida(s), então, a situação de interação não ficaria esboçada tão claramente.

A situação determinadora da função não pode, porém, ser avaliada da mesma forma e com igual intensidade para todas as partículas. Algumas partículas têm esta função diferente e mais forte que outras. Se ocorrem algumas partículas, a “situação de fala” muda rápida e radicalmente; com outras, ao contrário, bem pouco. Com algumas partículas, parecem ser produzidas situações muito individuais, com outras, apenas situações comuns. Por isso, para se poder analisar o grau de efeito de uma partícula, são necessários sempre contextos concretos de enunciados e de situações (cf. *ibd.*).

Para FRANCK (cf. 1979), as seguintes frases (17b) a (18), ou seja, as que contêm partículas modais, são “tendenciosas”, isto é, elas permitem reconhecer que o falante não se

posiciona de forma neutra com relação a uma resposta de concordância ou rejeição à sua pergunta.

Exemplos:

(17a) Hast du *geschlossen*?

(17b) Hast du *auch geschlossen*? (concordância)

(17c) Hast du *etwa geschlossen*? (rejeição)

(17d) Hast du *doch geschlossen*? (concordância)

(18) Hab ich das Ding nicht phantastisch verriegelt? (concordância)

Um turno conversacional é definido por suas características locais: por suas condições sobre o estado anterior da conversação e pela maneira como ele preestrutura a continuação da conversação. As partículas modais podem modificar essas duas formas de condições. O problema na preestruturação em turnos iniciativos levanta a questão de como um falante pode influenciar o desenvolvimento futuro da conversação, se ele não pode impor ao seu parceiro uma determinada reação, muito menos conhecer de antemão sua reação. Normalmente, ele não tem nenhum domínio sobre o que o outro de fato vai dizer, mas tem influência em como o seu enunciado poderá ser interpretado pelo outro. Esta limitação da continuação causada pelas partículas pode produzir diferentes efeitos comunicativos, entre outros, com relação ao grau de cooperatividade na interação (cf. *ibd.*).

Alguns usos de partículas modais são, ainda, apoiados pelo acréscimo do uso de sinais de articulação, os chamados marcadores conversacionais, por exemplo *und, ja, also* no início dos enunciados e os que requerem concordância, *ja?, nicht?*, no final dos enunciados<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Esses marcadores finais, que WELKER chama de “perguntas pospostas”, expressam a insegurança do falante ou seu desejo de não ser muito categórico, de obter uma confirmação do interlocutor ou de chamar

(19) Die Hauptstadt von Peru ist *doch* Lima, nicht?

Sobre a descrição geral das partículas, ALTMANN (cf. 1979) aponta, resumidamente, os seguintes problemas:

1. As funções individuais das partículas, na classificação sintático-distribucional, na maioria das vezes, não são diferentes umas das outras de forma clara, ou, pelo menos, elas compartilham algumas características distribucionais.
2. Uma série de elementos pode preencher uma variedade de funções sintáticas que não são típicas das partículas.
3. Resta o critério do significado. Por um lado, seria possível resolver o problema desta polifuncionalidade, juntando-se a cada caso uma variante própria do mesmo lexema (formalmente o mesmo!). Contrariamente a este critério, porém, fala o fato de que, em muitos casos, pode-se reconhecer parentesco entre os significados dos lexemas correspondentemente às suas funções sintáticas, e que também as diferenças de significados quase não podem ser avaliadas como determinantes em toda uma série de casos, não se tornando, portanto, um meio válido para uma diferenciação semântica verdadeira. Além disso, é pouco convincente juntar a cada uso distinto um novo lexema, já que não se pode dizer, sem erro, se a diferença de significado é atribuída ao lexema ou à função sintática correspondente.
4. Um outro fator que torna a descrição não menos complicada é o fato de que as características funcionais dos elementos individuais, que podem preencher determinadas funções, sejam elas de ordem sintática ou semântica, geralmente são claramente diferentes das características funcionais que se acredita poder atribuir àqueles elementos.

Já para HELBIG, as partículas são “palavras morfológicas não-flexionáveis, que não dispõem de nenhuma função sintática, competindo com outras palavras não-flexionáveis.”

---

sua atenção. Em alemão, tais marcadores (*Vergewisserungsfragen*, em inglês *question tags*) são menos frequentes que no português, devido, justamente, à existência das partículas modais.

Ele trata também das características sintáticas das partículas, sua ocorrência e as subclasses sintáticas, assim como do problema de homonímia com os lexemas das partículas e a regularidade de posição das palavras. Como ponto central de seu trabalho está, porém, o papel comunicativo das partículas, que primeiro é visto de forma geral e, depois, cada partícula individualmente (cf. ÖHLSCHLÄGER 1985: 362).

As partículas são, portanto, descritas como uma “família” de casos de usos semelhantes, mas também diferentes pelas funções sintáticas e pragmáticas. Em todo caso, essa família aparece como uma unidade, com características em comum, que não são descritíveis apenas por funções sintáticas e pragmáticas (cf. SANDIG 1979).

Para finalizar esta parte mais teórica do trabalho, segue, abaixo, uma lista das características gerais das partículas modais, o que se pôde concluir sobre seu funcionamento e uso, desde o início das pesquisas sobre as partículas até os estudos mais recentes.

WEYDT, que foi um dos primeiros lingüistas a se dedicar ao estudo das partículas e, sem dúvida, o autor que mais escreveu sobre o assunto, atribuiu, em 1969, as seguintes características às partículas modais:

- elas não se flexionam;
- servem para expressar a atitude do falante com relação ao enunciado;
- elas não podem formar uma resposta a uma pergunta;
- não podem preencher a primeira posição na frase;
- elas se referem à frase toda;
- são sempre átonas;
- são integradas à frase;
- têm uma parte fonética que é acentuada diferentemente ou que possui, em outra posição sintática, no mínimo mais um significado, e neste caso, passa a pertencer a uma outra classe de palavras.

Algumas dessas características arroladas por WEYDT foram adotadas por outros autores e algumas foram sendo modificadas e completadas. HELBIG (cf. 1988) apresenta algumas dessas características acrescentadas:

- as partículas modais não são partes independentes da frase e nem podem funcionar como equivalente frasal;
- formam, juntamente com uma outra palavra (o verbo), uma parte da frase, pertencem ao predicado e representam com o verbo uma unidade entonacional (KRIVONOSOV 1977).
- elas não possuem significado lexical independente e não acrescentam nada à informação objetiva da frase (às condições de verdade da frase), e por isso podem semanticamente ser deixadas de lado (BUBLITZ 1978).
- também sintaticamente elas são sempre facultativas, ou seja, podem ser deixadas de lado sem prejuízo para a gramaticalidade da frase (FRANCK 1980).
- são formas de expressão da atitude do falante e por isso têm uma função meta-comunicativa (como sinais que mostram ao ouvinte como ele deve interpretar a informação contida no enunciado e como deve reagir a ela) (BUBLITZ 1978, DOHERTY 1985 e KEMME 1979)
- possuem restrições claras com respeito ao seu aparecimento em orações afirmativas, interrogativas e imperativas, porque estão relacionadas com diversos atos de fala (HELBIG & KÖTZ 1981, WEYDT 1969, FRANCK 1980, e DOHERTY 1985).
- são geralmente palavras curtas, de uma sílaba (BUBLITZ 1978)
- posicionam-se após o verbo finito na frase; entre o verbo finito e a partícula modal podem ocorrer outros elementos átonos; de certa forma as partículas modais são permutáveis e flexíveis (FRANCK 1980),.
- ficam entre o tema e o rema, portanto sempre antes do rema, e, desta forma, pertencem à estrutura comunicativa da frase (HENTSCHEL 1983).
- não são negáveis e, por isso, ocorrem antes da palavra de negação (GORNICK-GERHARDT 1981).

São essas características gerais das partículas modais, distribuídas em sua função sintática, semântica e pragmática, que formam a base teórica para o estudo prático das partículas individuais. Uma exemplificação deste estudo prático será apresentada no próximo capítulo, em que tomarei por base a partícula modal *doch*. Antes disso, uma pequena

referência ao tratamento da categoria das partículas modais no ensino do alemão como língua estrangeira

### **3.2 PARTÍCULAS MODAIS NO ENSINO DO ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Nem todas as línguas possuem partículas no sentido de “partículas modais”. Sua presença, por exemplo, no alemão é um “caso especial”, por meio do qual a pragmática teórico-situacional pode se desenvolver numa área importante. Esta área é a da inter-relação entre o lingüístico e o extralingüístico, pois, como já deve ter ficado claro, a determinação definitiva do significado de uma partícula geralmente se dá apenas numa situação de fala individual, assim como também é possível, por outro lado, enunciados com partículas contribuírem variadamente para a definição da situação (cf. KIRSTEIN 1983).

Segundo BURKHARDT (cf. 1994:130), o alemão foi se desenvolvendo através dos séculos cada vez mais como uma língua de partículas, ou melhor, como uma língua de termos de conversação. Ao lado das inúmeras interjeições, partículas de estruturação, de réplica, assim como de atos de fala, seu léxico também aponta para a considerável quantidade de, no mínimo, 51 partículas modais. Isto é muito mais do que existe na maioria das outras línguas modernas e traz consigo alguns problemas na aquisição do alemão como língua estrangeira.

Uma aquisição dirigida de língua estrangeira normalmente tem a ver com uma “pensamento duplo”: determinados temas são considerados bons para serem discutidos e a língua a ser aprendida é vista como um “meio de discussão”. No âmbito deste pensamento duplo, o ensino de partículas modais parece ser mais problemático do que outros aspectos do alemão; esta constatação não vale apenas para cursos orientados para a leitura ou centrados na gramática, para os quais ela é imprescindível, mas também para métodos organizados comunicativamente, repleto de diálogos.

RÖSLER (cf: 1983) não considera correto tratar o problema do ensino das partículas modais na aula para estrangeiros partindo de sua “materialização”. Ele é a favor da criação do que ele chama de “clima propício para partículas” (em alemão *partikelfreundliches Klima*), de acordo com o qual é possível conseguir algum resultado com a incorporação de explicações, exercícios e um direcionamento para uma postura independente na aula: os alunos tornam-se, assim, sensibilizados às partículas modais e suas diferentes formas de uso. Desta forma, em situações restritas, é possível um uso sem erros, ou seja, os alunos dominariam pelo menos uma forma de uso. É necessário também, na sala de aula, que se atinja uma qualidade de convívio dentro da classe, que permita uma determinada interação emocional aberta e de direitos iguais, já que o ensino das partículas modais deve partir da recepção correta e de exercícios claros. Para se conseguir as condições para um clima deste tipo, são necessários muitos esforços. Esta proposta sobre o significado de um “clima propício para partículas”, com suas interações “humanitárias”, não deve, porém, levar a ignorar os princípios que estão presentes nos métodos convencionais do alemão quanto ao ensino das partículas, e, em especial, o material adicional produzido para o ensino das partículas; é importante uma formação e um aperfeiçoamento do professor, para que esteja em condições de julgar adequada a utilização do material disponível para a situação em questão e eventualmente adaptá-lo<sup>10</sup>.

Para HELBIG (cf. 1977: 30), as partículas modais só podem se tornar “aprendíveis” e “ensináveis” quando forem reconhecidas e se tornarem conhecidas sua natureza e suas nuances (não apenas como classe, mas também nos elementos isolados da classe com suas variantes).

---

<sup>10</sup> Como material auxiliar para o ensino das partículas modais, Weydt desenvolveu importantes estudos, por exemplo:

WEYDT, H. (org.) (1981). *Partikeln und Deutschunterricht. Abtönungspartikeln für Lerner des Deutschen*. Heidelberg.

WEYDT, H./HARDEN, TH./HENTSCHEL, E./RÖSLER, D. (1983). *Kleine deutsche Partikellehre. Ein Lehr- und Übungsbuch für Deutsch als Fremdsprache*. Stuttgart.



Na lingüística, assim como na didática das línguas estrangeiras, parte-se até hoje de uma separação relativamente rigorosa dos níveis lingüísticos, como a semântica, sintaxe, fonologia e pragmática. As partículas, porém, desdobram seu significado, por motivo de uma concorrência entre todos os níveis. Também o papel da entonação frasal não deve ser desprezado. Faz uma grande diferença de sentido, quando se diz: “Ich gehe doch mit ins Kino” ou “Ich gehe doch mit ins Kino”. Isso significa que os alunos estrangeiros de alemão não só precisam aprender as partículas como unidades lexicais, mas ao mesmo tempo atentar para a posição frasal, a entonação e o contexto, que podem causar consideráveis diferenças de sentido (cf. BUSSE 1992: 52).

BUSSE (cf. *ibid.*: 50s) arrola uma série de problemas que as partículas causam aos alunos de alemão como língua estrangeira e à didática. São eles:

1. Os significados das partículas são vagos, suas condições de uso freqüentemente incertas.
2. Elas dispõem de uma grande quantidade de variantes de significados.
3. A mesma forma da palavra pode pertencer a diferentes classes de palavras (problema da homonímia).
4. As descrições lexicográficas dos significados das partículas são muito abstratas.
5. Os significados e as funções das partículas só podem ser indicados meta-comunicativamente.
6. Os significados das partículas são fortemente dependentes do contexto.
7. As partículas atuam em vários níveis lingüísticos ao mesmo tempo; ou seja, os significados das partículas não têm só um aspecto semântico, mas também um aspecto sintático, fonético e pragmático.
8. As partículas pertencem principalmente à língua falada.
9. As partículas têm funções comunicativo-sociais; isto é, seus efeitos sobre a relação entre os interlocutores precisam ser aprendidos e dominados.
10. Freqüentemente, faltam para as partículas alemãs elementos lexicais correspondentes na língua materna do aluno.
11. As funções lingüísticas, que em alemão são assumidas pelas partículas, em outras línguas são, em parte, realizadas por outros meios lingüísticos, em níveis completamente diferentes.

Todos esses problemas de aprendizado levam a que o estrangeiro, mesmo que já viva há muito tempo na Alemanha e domine o alemão, use menos as partículas do que os alemães (segundo pesquisas de WEYDT (1981), HUSSO (1981), STEINMÜLLER (1981), VORDERWÜLBECKE (1981)). Portanto, o aprendizado das partículas alemãs representa um grande problema para os alunos de alemão, não apenas devido à sua complicada função semântica e à incongruência dos níveis de expressão entre o alemão e a língua materna do aluno, mas também, por outro lado, existem às vezes diferenças entre cada sociedade lingüística, que não se apóiam mais nos níveis do sistema lingüístico, porém nas diferenças culturais dos estilos e necessidades de comunicação. O exercício das partículas é, por isso, também o exercício em forma de relações sociais com os alemães. Isso pressupõe uma capacidade lingüístico-reflexiva, para que se possa definitivamente tomar consciência da função meta-comunicativa das partículas alemãs em contraste com cada língua materna.

As partículas não podem, portanto, ser aprendidas como vocábulos. Elas são - como a maioria das estruturas sintáticas - em grande parte usadas inconscientemente, mas têm, por causa disso, na didática da língua estrangeira, a desvantagem de não poderem ser praticadas isoladamente como regras de colocação. Mesmo falantes nativos do alemão geralmente não sabem o que significam as partículas (cf. BUSSE 1992: 53s).

Como a pesquisa das partículas ainda está muito longe de conseguir estabelecer descrições de significados claras e incontestáveis, as propostas para a didática das partículas são, no momento, forçosamente muito provisórias ainda. Por isso, só é possível indicar aspectos que deveriam ser considerados no ensino dessas unidades vocabulares (cf. ibd.: 55):

1. É necessário pelo menos o ensino das partículas alemãs mais freqüentes na aula de alemão como língua estrangeira, devido à importante função comunicativa que elas possuem, principalmente na língua oral cotidiana. As partículas devem ser praticadas tanto quanto possível em situações reais de comunicação, nas quais os alunos também têm algo real para dizer.
2. Devido à sua função meta-comunicativa, e com isso as complexas explicações de significado dela dependentes, elas só podem ser tratadas na aula unilíngüe, a partir do nível intermediário; mas elas devem também, pelo bem do realismo dos textos dos livros

didáticos, já estarem contidas antes em textos de diálogos e lá serem comentadas com explicações *ad-hoc*.

3. No caso de grupos homogêneos, tanto quanto possível, as partículas devem ser confrontadas com os meios correspondentes na língua materna e com eles comparadas. Se faltarem meios correspondentes na língua materna do aluno, deve-se tentar despertar a compreensão das funções das partículas alemãs por meio de tipologias situacionais.
4. Devido ao seu caráter ligado ao contexto, as partículas não devem ser tratadas em frases isoladas, mas em exemplos de situações, nas quais as informações precedentes representam um importante papel; os alunos devem imaginar situações, ou seja, frases-exemplo, pressuposições, histórias de ações, que devem ser introduzidas na aula e ali representadas - talvez em forma de diálogos.
5. Alguns significados das partículas só podem ser aprendidos de cor, em colocações típicas, ou seja, como locuções idiomáticas.
6. A ligação dos significados parciais de algumas partículas com outros meios, como entonação e tipo de oração, deve ser exercitada para evitar mal-entendidos futuros, devido a usos incorretos; é melhor tratar menos partículas, mas com todas as suas variantes.
7. Foram alcançados também resultados relativamente bons com a confrontação de partículas de significados semelhantes, mesmo quando estes não formam rigidamente nenhum campo semântico; é extremamente necessária a delimitação dos significados das partículas em contrapartida aos homônimos da mesma forma de palavra.
8. Quando a explicação dos significados das partículas por meio de constelações de imaginação é muito abstrato para o grupo, deve-se recorrer a descrições quase psicológicas dos efeitos das partículas, como dados prontos (por exemplo, *expressar admiração, expressar surpresa, adivinhar algo* etc.), mesmo quando estes não descrevem exatamente o “significado lexical” da partícula.

Por todos esses motivos, deve-se sempre frisar que as partículas são meios lingüísticos importantes da língua alemã, que não devem ser excluídos da aula de língua estrangeira, mas, pelo contrário, devem ser bem trabalhados para que dêem ao aluno a oportunidade de se expressar melhor na língua que está aprendendo e, assim, poder, de certa forma, integrar-se melhor na nova sociedade lingüística em que está se inserindo.

## 4. A PARTÍCULA *DOCH*

### 4.1 DIVERSOS ESTUDOS

Dentro das pesquisas das partículas modais, a partícula *doch* tem sido um dos objetos preferidos de estudo, provavelmente por ser uma das partículas mais freqüentes da língua alemã (principalmente em seu uso oral) e por apresentar uma das maiores variedades de uso. Nas análises que se seguem, de alguns autores que se dedicaram ao estudo de *doch*, pode-se observar muitos pontos em comum:

Às partículas *doch*, *eben* e *ja*, inicialmente, foi atribuída a função de que elas seriam consenso-constitutivas, ou seja, em contextos de argumentação, elas trariam um consenso (cf. LÜTTEN 1979).

Exemplo: um falante A faz a B a crítica de que este esquecera de fazer algo determinado e diz:

(20) A: Ich habe dir das *doch* extra gesagt!

O falante A lembra um fato que já era conhecido de ambos os falantes.

De acordo com esta função, *doch* está relacionado à chamada oração afirmativa, ou seja, no que se refere à tipologia do ato de fala, trata-se primeiramente de afirmações e constatações, entre outras funções. Desta forma, podem-se colocar outras características: no sentido distribucional, mostra-se a recorrência de determinados pronomes (principalmente pronomes pessoais e indefinidos), verbos (principalmente verbos modais) e formas temporais. Primeiramente, *doch* aparece no enunciado de existência, no qual o falante coloca a presença de um fato como evidente e indubitável. Um segundo tipo de afirmação é aquele com o verbo *sollen*. Aqui, *doch* se relaciona com os verbos modais *dürfen*, *können*, *brauchen*, *sollen*. O

falante recorre, desta forma, a uma norma, uma regra da ação, que pode ser considerada como impessoal ou também geral (*man muß doch, wir müssen doch*). A necessidade, que é afirmada aqui, deve levar o ouvinte a aceitar, pela afirmação do falante, a agir de determinada maneira.

*Doch* aparece freqüentemente na chamada afirmação sobre a situação individual, ou seja, o falante refere-se a si mesmo (*ich*) e coloca, então, um verbo que se relaciona diretamente à sua própria opinião, seu pensamento, por meio de: *halten für, glauben, meinen, finden, denken, muß sagen, annehmen*. Uma outra forma de uso de *doch*, típica da situação de fala, é o recurso à situação de fala compartilhada por vários falantes. Aqui o falante dirige-se aos participantes da situação (*wir*) e os torna cientes do que está sendo expresso por opiniões durante a discussão, por meio de verbos como *wollen, können, müssen, sagen, daß..., gesagt haben, daß...*, juntamente com o uso da partícula *doch*.

Exemplo:

(21a) Du bist in der Stadt gewesen.

(21b) Du bist *doch* in der Stadt gewesen. (*doch* átono)

A oração (21a), expressa como afirmação e sem contexto ou descrição da situação, não dá idéia das condições sob as quais este enunciado surgiu. Por isso, (21a) pode ser descrita como neutra. Se um falante enuncia (21b), então, é possível que preceda a este enunciado uma reparação por parte do interlocutor, de tal maneira que este fica confuso sobre como deve desculpar seu erro, ou não sabe como esclarecer, porque ele, por exemplo, não trouxe algo que se pode comprar na cidade, embora isso tivesse sido desejado. Surge, então, a situação, na qual o falante apela ao ouvinte a trazer à memória aquilo que ele já sabe. Um apelo deste tipo pode se referir às relações individuais ou supraindividuais. *Doch* apela à presença de uma base de comunicação comum (fato igualmente válido, ou seja, recebido unanimemente por dois ou mais interlocutores, e isto é um recurso apelativo.

WEYDT & HENTSCHEL (cf. 1983) analisaram *doch* não só como partícula modal, mas também como palavra-frase (partícula de resposta) e advérbio (casos de homonímia), abrangendo, portanto, seu uso tônico e átono, e concluem sua análise com um significado geral da partícula:

**(a) Homônimos**

1) Partícula de resposta (equivalente frasal) com significado adversativo na resposta a uma pergunta polar negada:

- (22) A: Haben wir keine Butter mehr?  
B: *Doch*.

2) Conjunção coordenativa adversativa ou advérbio conjuncional (pode também assumir a posição inicial):

- (23a) Alles schien friedlich, *doch* es war nur die Ruhe vor dem Sturm.

ou:

- (23b) ..., *doch* war es nur die Ruhe vor dem Sturm.

**(b) Como partícula modal:**

*Doch* aparece na forma átona e tônica.

Átona

1) Orações afirmativas

- (24) Das haben wir *doch* neulich erst besprochen.

Aqui, expressa-se que o ouvinte já conhece o fato referido.

## 2) Orações imperativas

(25) Sei *doch* nicht so griesgrämig!

Freqüentemente, também junto com *mal*:

(26) Mach *doch* mal das Fenster auf!

Aqui, *doch* reforça o pedido e pode significar leve impaciência.

3) Orações condicionais independentes (introduzidas e não introduzidas por *wenn*)

(27a) Wenn es *doch* Nacht wäre!

(27b) Wäre es *doch* Nacht!

*Doch* é característico para este tipo de oração e por isso raramente dispensável.

4) *Doch* freqüentemente aparece em combinação com outras partículas: *doch wohl, doch mal, doch ruhig, doch nicht etwa*:

(28) Das ist *doch* die Höhe!

(29) Komm *doch mal* her!

(30) Nimm *doch ruhig* noch etwas Kuchen

(31) Du hast *doch nicht etwa* alles aufgegessen!

Em combinações, *doch* reforça o efeito das outras partículas.

## Tônica

A forma tônica pode também ser considerada como advérbio adversativo e está estreitamente relacionada à partícula de resposta:

1) Perguntas polares:

(32) Bist du *DOCH* noch pünktlich angekommen?<sup>11</sup>

A partícula assinala a contradição a uma afirmação ou fato anterior.

2) Orações afirmativas:

(33) Und sie bewegt sich *DOCH*! (significado igual ao das perguntas polares).

### **(c) Significado geral**

A todas as formas de ocorrência de *doch* (homônimos, *doch* átono ou tônico) é comum o componente semântico “adversatividade”. Este componente pode ser reconhecido mais claramente em todos os casos tônicos (conjunção, partícula de resposta e advérbio); no uso átono, ela é reduzida à lembrança de uma contradição compreendida.

A partícula modal *doch* (ou seja, *doch* átono) sinaliza que o falante dá a entender que ele sabe que o interlocutor está em poder das informações que ele está repetindo, e que, com relação ao conteúdo de seu enunciado, ele está pressupondo um consenso com o seu interlocutor. Aquele que está falando tematiza expressamente este consenso, que está sendo considerado pressuposto.

Frases como

---

<sup>11</sup> As letras maiúsculas indicam a síbala que carrega a acentuação mais forte do grupo fonético.



(34) die Aussicht von dem Hotelzimmer ist *doch* HERRlich!

só podem ser usadas se aquele que está falando sabe (ou supõe, ou faz que supõe) que seu interlocutor já conhece esta paisagem, ou se ele sabe que o outro tem diante de si, por exemplo, um cartão postal que mostra essa paisagem. Um relato no qual eu digo algo completamente novo ao meu interlocutor não poderia conter a frase “*die Aussicht von dem Hotelzimmer ist doch HERRlich*” (cf. WEYDT 1979: 397s.)

Com *doch*, o falante sinaliza (como com *ja*) algo já conhecido, mas este conhecimento não é suficiente ao comando do ato, e o enunciado precisa de uma correção. Por isso, deve-se descrever o significado da partícula modal *doch* com suas duas propriedades semânticas: “conhecido” e “retorno”(cf. WEINRICH 1993: 845ss). Exemplos:

- (35) A: Wir sprechen heute über Manipulation durch Werbung.  
B: Darüber haben wir *doch* schon im Sozialkundeunterricht gesprochen!
- (36) A: Als Schulaufgaben für morgen schreibt ihr...  
B: Wir haben *doch* morgen Klassenausflug!

Nos dois casos, os alunos recorrem a um saber de que o professor dispõe ou, segundo sua concepção, deveria dispor; a isso junta-se, no entanto, uma exigência ao professor de modificar seu ato, portanto, por exemplo, de mudar o tema ou de tirar a tarefa. Com este significado duplamente acentuado, *doch* tem freqüentemente uma conotação crítica, que pode dar ao enunciado uma expressão (levemente) exclamativa:

- (37) A: Wann bekomme ich endlich von dir die Projektarbeit?  
B: Die habe ich *doch* längst abgeliefert!

Aqui, como acontece freqüentemente, é lembrado com *doch* um saber esquecido; a partícula é, então, positivamente expressa, um convite à lembrança.

Ordens com *doch* dirigem-se freqüentemente contra uma atividade ou inatividade evidente, a qual o ouvinte deve renegar no sentido da ordem ou da proibição:

- (38) Holt *doch* endlich eure Bücher!
- (39) Laßt euch *doch* nicht immer durch das Geschrei ablenken!

Perguntas com *doch* são perguntas de certificação; elas perguntam por um fato incerto; espera-se mais uma resposta positiva que negativa.

- (40) A: Ihr habt *doch* heute alle eure Schularbeiten gemacht?  
B: Natürlich, wie immer.
- (41) A: Wir haben *doch* schon die Meklenburgische Seenplatte durchgenommen, nicht wahr?  
B: Nein, als Sie neulich damit anfangen wollten, schellte es doch gerade zur Pause!

A partícula modal *doch* muitas vezes também está a serviço da ironia, quando se quer lembrar aparentemente de um conhecimento.

- (42) Du bist *doch* der schlaueste Schüler der Klasse, weißt du auch, wann...?

As possibilidades de combinação da partícula *doch* são tão grandes como as de *ja*, mas com *doch* encontram-se mais partículas na posição anterior do que antes de *ja*:

- (43) Das ist ja/denn/aber/eben/halt/ *doch* mal/auch/überhaupt/eigentlich/wohl/schon etwas anders!

A modificação de significado do *doch* conjuncional para o modal deve ser atribuída ao fato de que uma oração matriz típica torna-se suprimida contextualmente, incorporada pela partícula e por ela pressuposta. Desta forma, uma oração, hoje comum, como *Wir kennen uns doch* poderia ser derivada historicamente como redução de uma ligação frasal conjuncional adversativa como *Wahrscheinlich erinnern Sie sich nicht mehr genau, doch [= trotzdem] (glaube ich): Wir kennen uns*. O carácter da adversatividade fica, portanto, mantido, mas é, de certa forma, subjetiva e, proposicionalmente concentrado ou “carregado” pela oração matriz suprimida. Como para o ouvinte é suposta, por um lado, uma possível

interpretação ou intenção contrária e, por outro, ao mesmo tempo, é pressuposto que esta interpretação está, apesar de tudo, correta, *doch* tem hoje um significado “dialético”, ou seja, contraditório. (cf. BURKHARDT 1982a: 99, apud ibd. 1994: 142).

De forma geral, com *doch*, o falante pode expressar o seguinte: ele pressupõe que o ouvinte também julga ou deve julgar correto aquilo que foi constatado, mas que ele no momento não faz presente; o falante tem interesse em torná-lo presente ao ouvinte (cf. SANDIG 1979). A partícula modal é considerada como unidade lexical, as diferentes variantes de significado são descritas com a ajuda de implicaturas (cf. FRANCK 1980: 256, apud ÖHLSCHLÄGER 1985: 357).

## 4.2 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE *DOCH*

Como já mostrado anteriormente, a partícula *doch*, assim como praticamente todas as partículas alemãs, constitui um “problema” para o ensino e aprendizado do alemão como língua estrangeira, principalmente por ser um fato específico da língua alemã, que geralmente não encontra correspondência direta em outras línguas. Para tentar esclarecer este fato, serão analisados aqui os diferentes usos da partícula *doch* e os casos em que ela pode ser substituída por outras partículas, advérbios ou conjunções, sem prejuízo para a função pragmática da enunciação, ou seja, a intenção do falante é preservada. Serão analisadas aqui as homonímias de *doch* como partícula modal (partícula de ênfase e de nuança) e *doch* como palavra-frase<sup>12</sup> (partícula de resposta e partícula de concordância), portanto, serão deixados de lado os usos de *doch* como advérbio e conjunção, cujas aplicações são bem mais claras, com exceção do seu aparecimento nas observações quanto à variedade dos usos, com o objetivo de compará-los às partículas modais, tornando, assim, mais claro cada uso individual.

---

<sup>12</sup> Palavra-frase (em alemão: *Satzwort*) é um tipo de elemento que se encontra no início da frase, mas que não faz parte de sua estrutura sintática. Ele forma uma frase separada, assim como os vocativos e as interjeições (cf. MEIRELES/BLÜHDORN 1997:128).

A seguinte análise é baseada nas classificações das partículas alemãs propostas por WEYDT & HENTSCHEL (cf. 1983), apresentada no item anterior deste trabalho, e por HELBIG (cf. 1988). Nessas classificações, cada variante da partícula *doch* é analisada segundo critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos, e para cada uma das variantes são apresentados exemplos elucidativos. As informações sintáticas abrangem principalmente a acentuação da partícula (se átona ou tônica), sua posição dentro da estrutura da frase e as restrições de seu uso. As funções semânticas e pragmáticas são descritas por meio de paráfrases (que vão esclarecer a função de *doch* no ato de fala, esclarecem a atitude do falante e sua intenção) e, quando possível, são apresentados sinônimos ou quase-sinônimos de *doch*, que são outras partículas modais, advérbios e conjunções, que desempenham a mesma (ou semelhante) função semântica e pragmática no ato de fala. Neste estudo, seguiu-se o mesmo tipo de análise de HELBIG e WEYDT & HENTSCHEL, com exceção de que foi feita, aqui, uma distribuição diferente e também foram acrescentadas observações, com o objetivo de tornar mais claras as diferenças entre os vários usos de *doch*.

#### 4.2.1 AS VARIANTES DE *DOCH*:

A todas as formas de ocorrência de *doch* (homônimos, *doch* átono ou tônico) é comum o componente semântico “adversatividade”, que indica uma contradição entre dois pontos de referência. Este componente pode ser reconhecido mais claramente em todos os casos tônicos (conjunção, palavra-frase e advérbio), em que o sentido contraditório é expressamente enunciado; já no uso átono, a contradição não é expressa, mas subentendida. Com *doch*, o falante confirma uma atitude com relação ao enunciado ou a existência/não-existência de um fato, em contradição com o enunciado precedente ou com a atitude do interlocutor.

A maior parte das diferentes aplicações de *doch* refere-se ao seu uso com função de ênfase, ou, ainda, com a função de dar, a cada enunciado, uma nuance especial (sempre com relação ao significado comum da “contradição”). Estas partículas são chamadas, aqui, de *partículas modais*, subdivididas em *partículas de ênfase* e *partículas de nuance*. Fora estes

usos, *doch* possui, como partícula, mais uma aplicação, que é a de *palavra-frase* ou *partícula de resposta*. Por meio de breves explicações sintáticas, semânticas e pragmáticas, serão detalhados, a seguir, todos estes diferentes usos de *doch* (e para cada um, ainda, suas especificidades).

#### 4.2.2 DOCH COMO PARTÍCULA MODAL

Quando *doch* é usado como partícula modal, seu efeito aponta sempre o destinatário, ou seja, o enunciado com *doch* expresso pelo falante pode ter, por um lado, a intenção de apresentar ao ouvinte uma ênfase especial do enunciado, seja ela de reforço ou de amenização, e, por outro, de dar ao enunciado apenas uma nuance, apelando ao saber compartilhado pelos interlocutores, trazendo à presença do ouvinte algo que é conhecido por ele, mas que não é lembrado no momento da enunciação.

##### 4.2.2.1 Doch com função de nuance

###### 4.2.2.1.1 doch<sub>1</sub>

1. *Informações sintáticas*: em orações afirmativas; átono

2. *Função semântica e pragmática*: confirma uma atitude, expressa um reforço por meio da lembrança de algo conhecido, mas passado e esquecido, que desta forma deve ser trazido pelo falante para a consciência do ouvinte. Com *doch*, apela-se ao saber básico compartilhado, o falante quer transferir sua atitude ao ouvinte e levá-lo comunicativamente a concordar.

3. *Exemplos*:

- (44) Diesen Plan haben wir *doch* neulich schon besprochen. (Das muß du zugeben.)

- (45) Wir wollten *doch* heute abend ins Theater gehen. (Wir hatten das verabredet.)
- (46) Er ist *doch* ein sehr erfahrener Chirurg.
- (47) In dieser Gaststätte sind wir *doch* schon einmal gewesen. (Nicht wahr?)
- (48) Das letzte Mal sind wir *doch* nicht ganz fertig geworden.

#### 4. *Observações:*

- *Doch*<sub>1</sub> pode, em alguns casos, ser substituído por uma variante da partícula *ja*. Nesses casos, ambas as variantes apelam para o saber compartilhado entre falante e ouvinte, o efeito que elas causam é o mesmo, ou seja, o de pressupor o fato apresentado como já conhecido. mas com a diferença de que, com *ja*, o enunciado aponta para o falante (49a), e com *doch*, para o ouvinte (49b)

- (49a) Ich muß *ja* nächste Woche ins Ausland fahren. (Ich habe es dir schon gesagt.)
- (49b) Ich muß *doch* nächste Woche ins Ausland fahren. (Erinnerst du dich denn nicht?)

- *Doch*, assim como *ja*, aparece em alguns tipos de orações subordinadas (p. ex. em orações atributivas não-restritivas (50a) e em orações causais (51)), mas em outras não (p. ex. orações atributivas restritivas, que especifica o objeto ao qual o falante se refere (50b) e orações temporais (52)):

- (50a) Diese großen Autos, die *doch/ja* mehr als 20 Liter Benzin verbrauchen, sind unpraktisch.
- (50b) \*Autos, die *doch/ja* mehr als 20 Liter Benzin verbrauchen, sind unpraktisch.
- (51) Ich kann nicht mit ins Bad, weil ich *doch/ja* arbeiten muß.
- (52) \*Er ging mit ins Bad, als er *doch/ja* erkältet war.

• Mas mesmo quando *doch*<sub>1</sub> pressupõe e constitui consenso, permanece a mesma diferença de *ja* (referência ao falante (53a) ou ouvinte(53b)):

(53a) Ich komme *ja* schon. (Ich bemühe mich schon.) (concordância completa)

(53b) Ich komme *doch* schon. (Siehst du das nicht?) (uma leve crítica pode ser entendida ou expressa)

• *Doch*<sub>1</sub> ainda pode se referir reativamente a um ato de fala anterior (enunciado precedente) e causa uma leve contradição entre este e a afirmação comentada pelo *doch*: age, por um lado, como conectivo da conversação, por outro, contém uma reação não desejada pelo falante precedente, pois a frase precedente é criticada ou repelida. Aqui, trata-se de uma recusa (p. ex. da condição para a realização de uma ordem expressa na frase precedente), trata-se de uma crítica, de uma contra-crítica ou uma justificação. Frequentemente a função de justificação está relacionada com a coesão e coerência do texto.

(54) A: Gib mir mein Buch zurück!

B: Ich habe es dir *doch* gestern schon zurückgegeben. (Das weißt du doch!)

(55) A: Du hast aber wenig Fleisch gekauft.

B: Ich konnte *doch* nicht wissen, daß wir Besuch bekommen.

(56) A: Wir müssen über die Straße gehen.

B: Jetzt nicht, die Ampel zeigt *doch* "rot". (Das siehst du doch!)

(57) Das können wir *doch* so nicht machen.

(58) So kommen wir *doch* zu keiner Lösung.

• Esta variante de *doch*<sub>1</sub> pode ter como reforço a conjunção adversativa *aber*, evitando, assim, a resposta diretamente negativa, com o uso de *nein*. *Aber* representa, aqui, o aspecto negativo e *doch*, o aspecto causal, de saber compartilhado.

(59) A: Mach das Fenster zu!

B: Es ist *aber doch* viel zu warm im Zimmer.

• Além da variante com nuança de crítica, *doch*<sub>1</sub> ainda pode apresentar uma variante que também apela para o saber comum pelo lado do ouvinte, mas com o objetivo de consolo.

(60) Das ist *doch* nicht so schlimm.

#### 4.2.2.2 Doch com função de ênfase

##### 4.2.2.2.1 doch<sub>2</sub>

1. *Informações sintáticas*: em orações imperativas; átono.

2. *Função semântica e pragmática*: reativa e conectiva em relação ao ato precedente do interlocutor (uma omissão que é criticada), ao mesmo tempo iniciativa em relação à ação seguinte (em cuja realização insiste-se); reforça uma ordem e com isso expressa desejo de modificação, pode expressar urgência, impaciência, irritação ou crítica (sobretudo junto com *endlich* ou *immer*: exemplos (61), (62) e (63)), mas pode também expressar consolo (64) e polidez (p. ex. junto com *bitte* ou *mal*. Neste caso, enfraquecimento da ordem para pedido ou conselho - (65), (66), (67) e (68)).

3. *Exemplos*:

(61) Komm *doch endlich* zum Essen!

(62) Schrei *doch* nicht *immer* so!

(63) Hör *doch (endlich)* auf mit dem Klagen!

(64) Sei *doch* nicht so traurig!

(65) Sprechen Sie *doch mal* mit dem Arzt!

(66) Setzen Sie sich *doch* (bitte)!

(67) Nehmen Sie *doch* noch ein Stück Kuchen!



(68) Treiben Sie *doch* ein bißchen Sport!

4. *Observações:*

- A função pragmática direta (primeira) da ordem contém, indiretamente, outra função comunicativa, que consiste, quando a frase precedente é refutada, na expressão de contradição ou dúvida (geralmente junto com *mal* ou *ruhig*):

(69) Kommen Sie *doch* (*mal* / *ruhig*) nach Leipzig. (trotz Ihrer Bedenken)

- Esta variante de *doch* não possui equivalente.

**4.2.2.2.2 doch<sub>3</sub>**

1. *Informações sintáticas:* em perguntas substitucionais; átono

2. *Função semântica e pragmática:* Expressa, com a pergunta, a lembrança de algo conhecido (mas passado e possivelmente esquecido), que o falante quer saber (novamente) pelo ouvinte. O falante pergunta por algo que ele na verdade acredita saber ou deveria saber, mas de que ele, no momento, não se lembra.

3. *Exemplos:*

(70) Wo arbeitest du *doch*? (Du hast es mir zwar gesagt, ich habe es aber vergessen.)

(71) Wohin fahren Sie *doch* in Ihrem Urlaub?

(72) Wo waren wir *doch* stehengeblieben?

(73) Wie heißt *doch* euer Hund?

(74) Wer war das *doch* gleich?

#### 4. Observações:

- Para *doch*<sub>3</sub> existe uma equivalência com a partícula *noch*, sendo a diferença de uso de uma ou da outra apenas regional.

(75a) Wann haben Sie *doch* das letzte Mal eine Kolik gehabt?

(75b) Wann haben Sie *noch* das letzte Mal eine Kolik gehabt?

- Em perguntas substitucionais diretas e indiretas, *doch*<sub>3</sub> aparece geralmente não tônico (de forma contrastiva ou concessiva):

(76) \*Wo ist er *DOCH* gewesen?

(77) \*Sie will wissen, wo er *DOCH* gewesen ist?

O advérbio *doch* indica uma contradição em relação a algo que já foi dito e, diferentemente de uso como partícula modal, ele é possível em vários tipos de oração, inclusive nas perguntas polares:

(78) Bist du *DOCH* pünktlich angekommen? (pergunta polar)

(79) Fahr *DOCH* in den Urlaub! (oração imperativa)

(80) Warum bist du *DOCH* gekommen? (pergunta substitucional)

(81) Ob er *DOCH* pünktlich gekommen ist? (pergunta polar indireta)

(82) Die Erde bewegt sich *DOCH*. (afirmativa)

- Nas perguntas polares com o verbo finito em primeira posição, *doch* não pode aparecer átono (como partícula de nuança, porque, com uma pergunta polar - sem indicação especial de contradição ou contraste - não é produzida nenhuma recorrência a uma base do saber comum; esta base deve ser produzida somente com a pergunta), mas pode ser tônica (como advérbio concessivo).

(83a) \*Ist Peter *doch* ver/REIST/?<sup>13</sup> (partícula de nuança)

(83b) Ist Peter /DOCH/verreist? (advérbio)

• A diferença entre *doch*<sub>3</sub> e *doch*<sub>1</sub> está no fato de que, aqui, o falante quer se fazer lembrar do fato pelo ouvinte, e em *doch*<sub>1</sub> o falante quer lembrar o ouvinte do fato.

#### 4.2.2.2.3 *doch*<sub>4</sub>

1. *Informações sintáticas*: em orações que são perguntas polares de acordo com a entonação, mas que têm a estrutura de orações afirmativas (verbo finito em segunda posição); átono

2. *Função semântica e pragmática*: o falante quer se reassegurar pela resposta do ouvinte e espera confirmação; quer, com a formulação da pergunta, eliminar sua dúvida pela resposta do ouvinte (espera e deseja uma resposta com *ja*) e assim também ter certeza do fato (pergunta tendenciosa, com expectativa de determinada resposta).

#### 3. *Exemplos*:

(84) Das /SCHAFFST\ du *doch* bis morgen? (Ich nehme es an und möchte mich noch einmal vergewissern.)

(85) Du /HILFST\ mir *doch* bei den Korrekturen? (nicht wahr?)

(86) Sie /WER\den *doch* die Versammlung leiten?

(87) Du /HAST\ *doch* die Wohnung richtig abgeschlossen?

(88) Sie trinken *doch* /AUCH\ ein Glas Bier?

---

<sup>13</sup> O sinal de barra (/) antes da sílaba indica uma entonação ascendente; o sinal de barra invertida (\) depois da sílaba, uma entonação descendente.

(89) Sie /KOMmen *doch* mit zur Gerichtsverhandlung?

(90) Du /BLEIBST\ *doch* zu Hause?

#### 4. Observações:

• A estrutura da pergunta polar (verbo finito em primeira posição) é impossível no caso de *doch*<sub>4</sub>. Uma verdadeira pergunta polar (com indiferença do falante com relação a uma resposta positiva ou negativa) não é possível:

(91a) \*/SCHAFFST\ du das *doch* bis morgen?

Mas:

(91b) Schaffst du das /DOCH/ bis morgen? (advérbio)

(92a) \*/IST\ der Zug *doch* pünktlich gekommen?

Mas:

(92b) Ist der Zug /DOCH/ pünktlich gekommen? (advérbio)

• É possível, porém, também um *doch* tônico no caso de segunda posição do verbo finito, mas então em outro sentido, ou seja, contrastivo (na função de um advérbio, não na função de *doch*<sub>5</sub>):

(93a) Du schaffst das /DOCH/ bis morgen? (Verstehe ich richtig?)

(93b) Schaffst du das /DOCH/ bis morgen? (Ist es so?)

(94a) Du hilfst mir /DOCH/ bei den Korrekturen?

(94b) Hilfst du mir /DOCH/ bei den Korrekturen?

• *Doch*<sub>4</sub> não possui equivalente.

#### 4.2.2.2.4 doch<sub>5</sub>

1. *Informações sintáticas*: em orações exclamativas com o verbo finito na segunda posição, com um pronome interrogativo introdutório (estrutura da pergunta substitucional) ou sem pronome interrogativo introdutório; átono

2. *Função semântica e pragmática*: não indica nenhuma recorrência à base do saber compartilhado (como por exemplo *doch*<sub>1</sub>), mas uma reação espontânea a uma observação ou experiência imediatamente precedente, uma oposição na imaginação do falante por meio de uma constatação surpreendente (em contraste com a expectativa até o momento), uma contradição entre as expectativas do falante e o fato apresentado, e com isso uma correção do próprio saber, geralmente relacionado com espanto, surpresa, indignação ou sentimento semelhante. Espera-se concordância da parte do ouvinte.

#### 3. *Exemplos*:

(95) Was /WAR das *doch* für ein FUß\ballspiel!

(96) Wie /KLUG\ er *doch* ist!

(97) Was /BIST du *doch* für ein FAUL\pelz!

(98) Das ist *doch* /ZU BLÖD\!

(99) Das ist *doch* eine /Bodenlose FRECH\heit!

#### 4. *Observações*:

• Somente no caso de mesma função, também é possível o verbo finito em primeira posição:

(100) Unterbricht er den Redner *doch* schon /WIE\der!

(101) IST\ das Wetter *doch* herrlich!

• A surpresa expressa por *doch*<sub>5</sub> refere-se ao fato em si, não ao grau em que o fato é encontrado (como ocorre com *aber* e *vielleicht*).

(102a) Wie /KLUG\ sie doch ist! (o fato)

(102b) Ist /DIE\ aber klug! (o grau)

(102c) DIE\ ist vielleicht klug! (o grau)

#### 4.2.2.2.5 **doch**<sub>6</sub>

1. *Informações sintáticas*: em enunciados que expressam desejos (que são, segundo a forma, orações condicionais independentes introduzidas por *wenn* ou *não*); átono.

2. *Função semântica e pragmática*: caracteriza a enunciação como desejo urgente (=variantes de *bloß* e *nur*) que não é realizável na situação real de fala ou realizável apenas no futuro ou é irreal e não realizável, daí a utilização do modo subjuntivo (Konjunktiv); a isto relaciona-se a contradição entre desejo e realidade.

3. *Exemplos*:

(103) Käme der Brief *doch* bald! (Ich wünsche es mir dringend.)

(104) Wäre er *doch* ehrlich!

(105) Wenn wir *doch* bald in den Urlaub fahren könnten!

(106) Wenn es *doch* morgen nicht regnen würde!

(107) Würde er die Prüfung *doch* gut bestehen!

(108) Wäre er *doch* noch zu Hause geblieben!

#### 4. Observação:

• *Doch* é obrigatório, porém substituível por variantes de *nur* ou *bloß*, mas qualquer uma dessas partículas é obrigatória, sendo *nur* ou *bloß* combináveis com *doch*:

(109a) \*Wenn der Brief käme!

(109b) Wenn der Brief *doch/nur/bloß* käme!

#### 4.2.3 DOCH COMO PALAVRA-FRASE

1. *Informações sintáticas*: isolado ou separado funciona como equivalente frasal, como resposta a uma pergunta polar ou a uma afirmação com negação; tônico

2. *Função semântica e pragmática*: a negação da frase precedente (pergunta ou afirmação) é negada, ou seja, suprimida, o fato discutível afirmado como positivo; a frase precedente (com negação) é discutida explicitamente. Como reação a uma pergunta, *doch* nega uma pergunta negada (110a), *ja* afirma uma pergunta não-negada (110b), *nein* nega uma pergunta não-negada (110c) e afirma uma pergunta negada (110d):

(110a) Ist der Zug nicht pünktlich angekommen? *Doch* (, er ist pünktlich angekommen).

(110b) Ist der Zug pünktlich angekommen? *Ja* (, er ist pünktlich angekommen).

(110c) Ist der Zug pünktlich angekommen? *Nein* (, er ist nicht pünktlich angekommen).

(110d) Ist der Zug nicht pünktlich angekommen? *Nein* (, er ist nicht pünktlich angekommen).

#### 3. Exemplos:

(111) A: Haben wir keine Getränke mehr im Haus?

B: *Doch*.

(112) A: Obst ist nicht gesund für die Zähne.

B: *Doch* (, es ist gesund).

(113) A: Er braucht kein Visum für die Reise.

B: *Doch*.

#### 4. *Observações:*

- *Doch* como palavra-frase é possível como resposta contrariamente afirmativa (e de reforço) não só a uma pergunta negada (e afirmativa), mas também a uma ordem negada:

(114) A: Lauf nicht auf die Straße!

B: *Doch*.

- Às vezes falta a negação na frase precedente (mas esta pode ser, na maioria das vezes, reconstruída); *doch* funciona aqui como palavra-frase, indicando que o enunciado anterior é inesperado, a resposta indica a surpresa dos interlocutores.

(115) A: Das war sehr freundlich von ihm.

B: *Doch*, das muß man sagen.

### 4.3 APLICAÇÃO EM DIÁLOGO REAL DA PROPOSTA APRESENTADA

#### 4.3.1 DADOS GERAIS SOBRE O CORPUS

As frases apresentadas a seguir foram retiradas de um dos corpora do *Dortmunder Korpus der spontanen Kindersprache* e se referem ao diálogo travado entre



Christiane (de 12;2 anos) e seus pais, irmãos (quatro mais velhos e um mais novo) e amigos. Christiane frequenta a sexta classe do *Gymnasium* e é considerada uma boa aluna. Seu pai é professor e sua mãe, dona-de-casa. A família mora em uma pequena cidade em Westfalen, por isso, algumas vezes podem aparecer na fala marcas típicas dessa região. A transcrição utilizada neste corpus segue um meio-termo entre uma transcrição totalmente regida pela fonética da língua falada e a da totalmente voltada para as regras da ortografia alemã. Somente as regras de pontuação foram deixadas de lado. Para facilitar a leitura das frases, foram retiradas, aqui, as marcas de pausa e aceleração, presentes no texto original, por não serem relevantes para o objetivo aqui pretendido. Alguns comentários a respeito do contexto são apresentados entre parênteses após as frases, para uma melhor compreensão da situação. Abaixo, segue-se uma lista das formas fonéticas que, por sua ocorrência muito frequente, foram da seguinte maneira estabelecidas:

#### Lista fonética:

aus'nander	= auseinander
dat	= das
'e	= nachgestelltes du, p.ex. siehst'e = siehst du
'e	= die, p.ex. durch 'e Decke
eim	= einem
ein'	= einen
'em	= dem, p.ex. mit 'em Auto
'er	= der, p.ex. na 'er Hose
et	= es
gelaufn	= gelaufen, da mesma forma para outros participios
hab'	= habe, entre outros verbos na 1ª. pess. sing. pres.
is	= ist
jetz'	= jetzt
kanns'	= kannst, entre outros verbos na 2ª. pess. sing. pres.
'm	= dem, p.ex. aus 'm Schuh
'n	= den, p.ex. na 'n Rand
'n	= ein, p.ex. so 'n Junge
'n	= einen, p.ex. noch 'n Stift
'n	= denn, p.ex. wieviel is 'n das?
ne	= nicht wahr
nee	= nein
'ne	= eine
'nem	= einem
'nen	= einen
'ner	= einer
nech	= nicht wahr

nich	= nicht
nix	= nichts
nö	= nein
's	= das, p.ex. 's is
's	= es, p.ex. gibt's
's	= ist, p.ex. wo 's
se	= sie
Se	= Sie (forma de tratamento)
solln	= sollen, da mesma forma para outros infinitivos
was	= etwas

#### Lista das siglas das personagens:

- C = Christiane (12;2 anos)
- A = Annette (amiga / 12 anos)
- Ch = Christoph (irmão / 10;5 anos)
- Mi = Michael (irmão / 20;2 anos)
- M = Mãe
- S = Susanne (cunhada)
- St = (irmão / 16;9 anos)
- Th = Thomas (irmão / 22;8 anos)
- P = Pai

#### **4.3.2 ANÁLISE DO CORPUS**

O corpus todo registrou um total de 253 ocorrências de *doch*. Deste total, foram escolhidas, para esta análise, apenas alguns casos, sob o critério de que deixassem claro o uso da partícula (desta forma, foram descartadas, por exemplo, as frases truncadas ou não finalizadas) e também de que representassem todos os diferentes usos. Para alguns casos, foram reproduzidas, ainda, as frases anteriores e/ou posteriores às frases com *doch*, para que se tornasse mais claro o contexto e, conseqüentemente, a diferenciação dos usos. Alguns exemplos, também, apresentam outro uso do *doch*, além daquele característico para o exemplo, por isso os usos para os quais se deve atentar estão realçados em negrito. Abaixo dos exemplos, entre parênteses, a indicação da página e da(s) linha(s) em que a frase ocorre no corpus.

**Exemplos de *doch*,** (orações afirmativas; *doch* átono; lembrança de algo conhecido, assim como contradição entre o ato de fala anterior e a afirmação comentada pelo *doch*, o falante quer levar o ouvinte a concordar):

- (116) M: Mäuseken, bist'e schlecht aufgelegt?  
C: ja!  
M: warum?  
C: weil ich nich raus darf! (C deve ficar em casa por causa da gravação)  
M: och, darfst **doch** raus, morgen!  
C: mh, morgen!  
(1;17-22)
- (117) M: jetzt geht's ja um die Wurst, Christiane, letzte Mal ist nichts geworden, diesmal muß es **doch** was werden, nun erzähl mir mal was.  
(1;38-40)
- (118) C: mach gleich Schularbeiten ne?  
A: habn **doch** keine auf.  
(2;26-27)
- (119) C: Mama, Herr L. sagte ja immer, daß also, ne äh Mo... äh Annette äh Annette schon gar nich gewinnen könnte und ich auch nich, weil ich ziemlich nervös sei bei solch... bei sowas...  
M: und dann hat Annette gewonnen?  
C: nee!  
M: nee.  
C: die war **doch** sowieso nich bei dem Wettbewerb.  
(3;8-15)
- (120) M: hör mal, was sagten denn deine Kumpels, daß du so'n schönen Mantel hast?  
C: nichts.  
M: keiner was gesagt.  
C: ach was, die sagen **doch** nichts.  
(5;36-40)
- (121) M: hat se dir nicht gratuliert?  
C: nö. hähä (ri) ja das is immer so.  
M: wir habn deinen **doch** auch vergessen Annette.  
(5;51-52/6;2-3)

- (122) C: letztes Jahr hab' ich dir die diese ach 'n Buch!  
M: nee, wir haben dir einmal 'ne Hirtentasche geschenkt.  
C: ja, das war letztes Jahr.  
A: ja, das is schon länger her.  
C: letztes Jahr war das, glaub' ich.  
A: nee, da habt ihr **doch** irgendwas für die Puppen, was zum Anziehn.  
C: ach ja, genau.  
(6;36-44)
- (123) G: wieviel Krippen hast du jetzt gemacht, Thomas?  
C: dritte.  
Th: das ist die vierte.  
C: vierte? wem hast 'e denn die vierte noch gemacht?  
Th: Gabi hat **doch** auch eine.  
C: ach so, ach ja.  
G: ach ja.  
(8;35-41)
- (124) S: die hast 'e **doch** gesehen Gabis Krippe nich?  
C: sieht die so aus wie eure?  
S: ja.  
C: ja, dann kenn' ich se.  
(8;42-45)
- (125) C: hm, und wenn du mich wegbringst, geht das nich?  
S: hab' **doch** kein Auto.  
C: ach so.  
(9;14-16)
- (126) C: keine Hektik, und diese Ritzen? ganz eng passen se jetzt, jetzt braucht'e se **doch** na und für sich gar nich mehr zu nageln.  
(12;39-41)
- (127) G: ich lass' mir nich so gerne in die Karten gucken.  
C: ich hab' das **doch** nur ge... äh ge... gelesen.  
G: ja ja.  
(14;42-43)
- (128) S: da du es gesagt hast, brauch' ich's nich mehr aufschreiben.  
G: is **doch** gut ne?  
S: hm. ("ja")  
(28;49-51/29;1)
- (129) C: ja, was machen wir denn jetzt?  
S: ja da hat Gabi doch nich mitgespielt, das geht doch nich.  
Ch: na und, das ist **doch** nich schlimm.  
(56;16-19)

É interessante observar, aqui, que a função de *doch* de levar o ouvinte a concordar fica bem clara em alguns exemplos, como em (122), (123), (125), (128). No exemplo (129) tem-se, ainda, a variação de *doch*<sub>1</sub> como nuança de consolo.

**Exemplos de *doch*<sub>2</sub>** (orações imperativas; *doch* átono; função reativa e conectiva em relação ao ato precedente do interlocutor, e ao mesmo tempo iniciativa em relação a ação seguinte, função de reforço de uma ordem):

- (130) C: ha, die war ja richtig neidisch, weil ich dann so froh war ne und mich gefreut hab' einen Punkt mehr als Monika, sagt se hach gib **doch** nich so na, so ungefähr wollt' se das wohl sagen.  
(5;4-7)
- (131) Th: hast'e dabei geschrieben "für's Auto"?  
C: hm? ("wie bitte")  
Th: für's neue Auto?  
C: hehe, nee, nee.  
S: ja, das schreib mal dazu.  
C: hab' ich doch schon eingepackt.  
G: dann mach **doch** noch 'n schönes Bändchen da dran.  
(16;6-12)
- (132) Th: Christiane, komm **doch** mal her.  
(26;44)
- (133) C: habn schon zwei Stunden aufgenommen? zwei Stunden und wieviel Minuten? guck **doch** ma'.  
S: zehn Minuten.  
(38;10-12)
- (134) C: sag **doch** Oller zu ihm!  
(40;36)
- (135) Th: Susanne, nimm **doch** ma' die Kamera hier weg, du Untier!  
(40;37-38)
- (136) C: du willst doch nich so viel habn, (C tosse) is hier miese Luft drin!  
St: ja, mach **doch** 's Fenster auf.  
C: is doch auf.  
(47;36-39)
- (137) St: jetzt mach **doch** erst mal!  
(67;2)

- (138) C: dann laß es **doch** so jetzt sein, Mama.  
(80;37)
- (139) C: (...) ich muß jetzt auf's Klo.  
Ch: dann geh **doch**!  
(92;37-39)
- (140) S: wir brauchen doch den Stuhl.  
C: n..., nimm dir **doch** 'n andern Stuhl.  
(100;14-15)
- (141) Ch: gibst'e mir mal die Butter, Christiane!  
C: kann jetzt nich, ich hab' doch überhaupt noch nichts im Mund.  
Ch: gibst'e mir mal die Butter? Christiane?  
C: krieg sie dir **doch** selber!  
(100;28-32)
- (142) Ch: was hast'e gesagt, Christiane? was hast'e gesagt? sag **doch** mal, Mann!  
(101;36-37)

**Exemplos de *doch*<sub>3</sub>** (perguntas substitucionais; *doch* átono; função de expressar, com a pergunta, algo conhecido e possivelmente esquecido, que o falante quer se fazer lembrar pelo ouvinte):

- (143) C: geht das denn nich wenn ihr äh um fünf Uhr ma' 'ne halbe Stunde aufhört und dann wieder 'ne halbe Stunde dranhängt noch?  
M: warum? fünf Uhr is es **doch** dunkel?  
C: ja eben deshalb will ich doch...  
(1;30-34)
- (144) M: wie, war das (1. Aufnahme) letzten Dienstag **doch** nich?  
C: doch!  
(76;48-50)
- (145) S: hmhm, ("ja") muß'te **doch** noch was tun für die Schule?  
C: ja sicher, das hab'ich vergessen.  
(94;22-24)

**Exemplos de *doch*<sub>4</sub>** (perguntas polares de acordo com a entonação, mas com estrutura de afirmativa; *doch* átono; o falante quer, pela resposta do ouvinte, ter certeza do fato perguntado e espera uma resposta afirmativa):

- (146) C: (...) äh Susanne kennst du doch du kennst **doch** den Bunker ne?  
(10;29-30)

- (147) C: ach, ich soll **doch** nageln?  
Th: ja.  
(16;47-48)

**Exemplos de *doch*<sub>5</sub>** (orações exclamativas com o verbo finito na segunda posição; *doch* átono; representa uma reação espontânea a um fato precedente, uma contradição entre as expectativas do falante e o fato apresentado):

- (148) St: du spielst **doch** ohne ein' gespielt zwei.  
C: ich spiel' **doch** Pik!  
St: ja und? es kommt **doch** auf die Bauern an.  
(52;11-13)
- (149) C: ja, ich bin **doch** noch nich fertig!  
(65;14)
- (150) S: du kannst **doch** wohl zusammenzählen!  
(67;38)
- (151) P: du kannst **doch** meine Werke nicht als deine ausgeben!  
C: ach is **doch** egal!  
(94;41-42)
- (152) M: konntest'e **doch** den Kleinen mal machen lassen!  
(103;11)
- (153) M: wo sie **doch** den ganzen Tag das Mikrofon um hatte schon!  
(103;14-15)
- (154) C: du bist **doch** ein Lump, du alter!  
(104;5)

É interessante observar, no exemplo (152), a inversão da posição do verbo, ou seja, o verbo finito na posição inicial, marcando também um recurso de ênfase, mas mantendo o mesmo significado, assim como foi mostrado nos exemplos (100) e (101).

**Exemplos de *doch*<sub>6</sub>** (orações condicionais independentes; *doch* átono; caracteriza e enunciação como desejo urgente, contradição entre desejo e realidade):

- (155) Ch: Susanne hast 'e noch was Obstsalat für mich?  
S: ja.  
C: hättest 's **doch** nein gesagt!  
(32;8-10)

- (156) C: wenn 's **doch** bald mal schneien würde!  
(73;1)

**Exemplos de *doch* como palavra-frase** (funciona como equivalente frasal, como resposta a uma pergunta polar ou a uma afirmação negadas; *doch* tônico; função de negar a negação da pergunta ou afirmação precedente):

- (157) M: hast du eigentlich dies' Jahr zum Geburtstag was von uns gekriegt  
Annette, auch nich, woll nich, ich weiß das gar nich.  
C: **doch**, hat was gekriegt.  
(6;12-15)
- (158) C: kommt aber glaub' ich nich ganz hin.  
Th: **doch**, das kommt hin.  
(10;51-52/11;1)
- (159) C: weiß ich nich, kann ich das nich gut?  
M: **doch**, ob se das nich gut macht, Susanne?  
S: ja.  
(14;8-10)
- (160) Th: und außerdem is kein Tabak mehr da.  
C: **doch**, steh mal auf.  
Th: ich sitz' nich drauf.  
C: **doch**, da, siehst 'e?  
(22;39-42)
- (161) G: woran unterscheidet man denn Kamel und Dromedar?  
C: 'n Dromedar hat bloß einen Höcker.  
S: mm. ("nein")  
C: **doch**.  
(30;46-49)

Da mesma forma como foi mostrado nos exemplos, apenas como ilustração estatística, pôde-se observar, com a análise de todo o corpus, que a proporção da frequência dos usos de *doch* varia da seguinte maneira: em maior quantidade aparecem as orações afirmativas, seguidas pelas orações imperativas, logo depois pelas partículas de resposta, em quarto lugar vêm as exclamativas, depois as interrogativas, a seguir, os pouquíssimos casos de orações com estrutura afirmativa e entonação interrogativa e, por fim, as condicionais expressando desejo. Além dos usos como partícula modal, também ocorreram alguns casos de *doch* como conjunção coordenativa adversativa, como em:



(162) S: wie nennt man dies Zimmer, kleines Wohnzimmer?

C: Eßzimmer.

M: nein.

C: **doch** hast du... (gesagt)

(73;44-47)

(163) C (lendo uma história): (...) da war alles zugeschnit, **doch** die Körner waren verschwunden.

(90;9-10)

De *doch* tônico, como advérbio, não foi registrado nenhum caso.

Para finalizar, como resumo estatístico dessas diferentes quantidades, obteve-se a seguinte tabela de ocorrências:

<b>Tipos de doch</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
doch <sub>1</sub>	144	56,92%
doch <sub>2</sub>	34	13,44%
doch <sub>3</sub>	6	2,37%
doch <sub>4</sub>	3	1,19%
doch <sub>5</sub>	22	8,70%
doch <sub>6</sub>	2	0,79%
doch como partícula de resposta	36	14,23%
doch como conjunção adversativa	6	2,37%
Total	253	100,00%

## 5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa apresentou, em linhas gerais, uma parte do mundo das partículas alemãs. No primeiro capítulo, contou-se um pouco da história do desenvolvimento das partículas, mostrando-se que é difícil estudarem-se as partículas modais do ponto de vista diacrônico, pelo fato de que se tem muito pouco acesso a documentos históricos que tragam o uso de partículas (por isso, é de se admirar o grande trabalho que escreveu HENTSCHEL (cf. 1986) a este respeito). Primeiramente, foi apresentada a problemática da terminologia das partículas, já que ela é bastante diversificada, dependendo do autor e do que ele define por partícula modal. Foi decidido, para este trabalho, o termo partícula modal, por ser o mais utilizado atualmente para designar essa classe de palavras. Em seguida, foi discutido o fenômeno das partículas sob diversos aspectos: segundo KRIVONOSOV (cf. 1983), as partículas modais são um dos meios que servem à economia de material lingüístico, uma vez que elas são capazes de expressar complexos entimemas, sem que estes precisem ser detalhadamente descritos lingüisticamente. Além das partículas, também são meios que servem à economia lingüística outras classes de palavras não-flexionáveis, como as conjunções coordenativas (que relacionam duas idéias explícitas, estando uma dessas idéias presentes na língua apenas implicitamente, não em formas lingüísticas), as partículas lógicas (capazes de relacionar dois conceitos lógicos, sendo apenas um explícito, de forma a chamar ao consciente dos interlocutores todos os conceitos vizinhos pertinentes, sem que eles sejam mencionados), as conjunções subordinativas e as palavras lógicas (que, assim como as partículas modais, constituem unidades estruturais formais de idéias lógicas resumidas).

A seguir, foi apresentada a visão de algumas gramáticas sobre a classe das partículas, de acordo com os artigos de RUDOLPH (cf. 1979) e HENTSCHEL/WEYDT (1990). A gramática de GLINZ (1971) não apresenta nenhuma classificação sistemática das partículas, apenas as diferencia entre *Präpo-Ausdrücke*, *Graduative*, *Negationsausdrücke* e *Situative*. HELBIG&BUSCHA (1972) denominam as partículas, no sentido amplo, de *Funktionswörter*, e as subdividem em três blocos, sendo as partículas modais (chamadas de *adverbialische Wörter*), detalhadamente classificadas. CLEMENT&THÜMMEL (1975) evitam critérios

semânticos para a descrição das partículas e defendem uma análise mais minuciosa de seu comportamento sintático. Já a gramática DUDEN considera como partículas os advérbios, as preposições e as conjunções.

Para se verificar se um elemento lingüístico é uma partícula modal ou um advérbio, RUDOLPH (cf. 1979) propõe os seguintes testes: 1. por meio de uma pergunta, já que a partícula modal não pode constituir, por si, uma resposta; 2. por meio da distribuição na frase, uma vez que a partícula modal não pode ocupar a posição inicial; 3. pelo posicionamento da partícula com relação ao advérbio de negação *nicht* (a partícula admite *nicht* apenas depois dela); 4. pelo tipo de oração em que o elemento aparece: algumas partículas ocorrem em apenas alguns tipos determinados de oração, assim como o advérbio não aparece em orações imperativas; 5. através da inclusão da partícula numa oração principal do tipo “*es ist... so, daß*”, o que não é possível com um advérbio.

Ainda nesse capítulo foi mostrada a definição de partículas, no sentido amplo, por HENTSCHEL & WEYDT (cf. 1990). Para eles, partículas são as preposições, as conjunções, os advérbios conjuncionais, as palavras modais e as partículas modais, de intensidade, de foco, de resposta e de negação. Para a definição de partículas modais, partem do princípio da homonímia, diferenciando-as de seus homônimos com outras funções.

No capítulo seguinte, foi feita uma descrição das funções sintáticas, semânticas e pragmáticas das partículas, iniciando-se com uma listagem das características gerais das partículas, recolhidas de vários autores, desde os inícios da pesquisa sobre as partículas. Em seguida, foi apresentado o estudo de HENTSCHEL (cf. 1983) sobre a distribuição das partículas na cadeia oracional, concluindo que as partículas modais sempre aparecem antes do rema. Também abordou-se, nesse capítulo, o problema da combinação de partículas, cuja seqüência não é aleatória, mas, pelo contrário, complexa, sobretudo quanto ao aspecto semântico. Uma pequena parte foi dedicada à questão do surgimento das partículas: a este respeito BURKHARDT (cf. 1994) conclui que elas seriam resultado de uma transformação semântica de advérbios que, por seu uso muito freqüente em determinados contextos, passaram a se relacionar cada vez mais com a proposição, com a expressão da subjetividade do falante.

Quanto ao aspecto semântico das partículas em geral, pode-se dizer, resumidamente, que cada partícula tem um significado próprio, que varia de acordo com o contexto e a situação, daí a impossibilidade de considerá-las isoladamente. E quando se trata de partículas modais, também não se pode deixar de lado uma análise pragmática, pois elas são, sobretudo, palavras de função comunicativa, de expressão de atitudes, que modalizam a fala e, portanto, se relacionam estreitamente com o tipo de situação.

Ao final do capítulo, discutiu-se a importância da inclusão do estudo das partículas modais no ensino de alemão para estrangeiros, uma vez que não há como ignorá-las, principalmente com relação aos métodos orientados para a comunicação. Foram apresentados os principais motivos porque as partículas constituem um problema no ensino e aprendizado do alemão como língua estrangeira e também alguns caminhos para se tratar das partículas em aula.

O último capítulo foi dedicado exclusivamente à partícula *doch*, tomada como exemplificação prática da parte teórica do trabalho. Escolheu-se justamente *doch*, por ser uma das partículas mais ocorrentes na língua alemã, pelo menos em sua modalidade falada, e porque ela apresenta uma série de dificuldades em sua análise, pelo fato de sua ocorrência não se restringir a apenas um determinado tipo de uso, com uma determinada função sintática, semântica e comunicativa. Inicialmente, foram considerados principalmente dois estudos sobre essa partícula: o de LÜTTEN (cf. 1979), que relaciona a presença da partícula com outros elementos da frase, e o de WEYDT & HENTSCHEL (cf. 1983), que analisa *doch* não só como partícula modal, mas também como palavra-frase e advérbio, abrangendo, portanto, seu uso tônico e átono, e descrevem, o final de sua análise, um “significado geral” da partícula, apontando para a idéia da “adversatividade” e da “retomada de um saber comum” dos falantes com relação à situação de fala, uma contradição entre dois pontos de referência, sejam eles o saber comum básico do falante e o do ouvinte. Este significado geral, entretanto, contém várias nuances e ênfases importantes, e cada uma apresenta uma especificidade de uso.

Como parte mais prática do trabalho, foi apresentada uma proposta de análise de *doch*, constituída fundamentalmente de um detalhamento das descrições de WEYDT & HENTSCHEL (cf. 1983) e de HELBIG (cf. 1988), onde foram apresentados sete usos diferentes

da partícula (seis como partícula modal, com acentuação átona, variando de acordo com o tipo de oração em que aparece) e seu uso como palavra-frase (partícula de resposta). As variantes da partícula *doch* mostradas aqui, representando as diferentes nuances do uso geral da partícula, seu uso com função de ênfase e como palavra-frase, tiveram por finalidade, por meio da descrição de suas funções, dos exemplos e das substituições por outras partículas, advérbios ou conjunções, esclarecer os usos específicos de *doch*, e, assim, também contribuir, de certa forma, para uma melhor compreensão dessa partícula como um todo e dentro da gramática da língua alemã.

Para concluir o trabalho, tomou-se uma amostra real de língua falada, da qual foram recolhidos todos os casos estudados dos diferentes usos de *doch*, com o objetivo de provar a aplicabilidade da proposta de análise apresentada e da qual também resultou, adicionalmente, uma tabela das quantidades de ocorrências dos diferentes usos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, WERNER (1983): Starke Satzverknüpfers - Sinnsog und Partikelenquôte. In: WEYDT, HARALD. (org.). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.
- ALTMANN, HANS. (1979): Funktionsambiguitäten und disambiguierende Faktoren bei polyfunktionalen Partikeln. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Die Partikeln der deutschen Sprache**. Berlin/New York: de Gruyter.
- ASBACH-SCHNITKER, BRIGITTE (1977): Die Satzpartikel "wohl". In: WEYDT, HARALD. (org.) **Aspekte der Modalpartikeln**. Tübingen: Niemeyer.
- BUBLITZ, WOLFRAM (1978): **Ausdrucksweisen der Sprechereinstellung im Deutschen und Englischen**. Tübingen: Niemeyer, p. 31-38, 103-112.
- BURKHARDT, ARMIN (1994): Abtönungspartikeln im Deutschen: Bedeutung und Genese. **ZGL** (22): 129-151. HENNE, H./OKSAAR, E./WICHTER, S./WIEGAND, H.E. (orgs.).
- BUSSE, DIETRICH (1992): Partikeln im Unterricht Deutsch als Fremdsprache. Semantische und didaktische Probleme der Synsemantika. In: **Muttersprache** (102). Gesellschaft für deutsche Sprache (org.): 37-59.
- DAHL, JOHANNES. (1988): **Die Abtönungspartikeln im Deutschen: Ausdrucksmittel für Sprechereinstellungen - mit einem kontrastiven Teil deutsch-serbokroatisch**. Heidelberg: Groos.
- DOHERTY, MONIKA (1982): *Doch. Deutsch als Fremdsprache*. (19). Leipzig: Herder Institut der Karl-Marx-Universität (org.):174-178.

FOOLEN, A (1983): Zur Semantik und Pragmatik der Restriktiven gradpartikeln: *only*, *nur* und *maar / alleen*. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.

FRANCK, DOROTHEA. (1979): Abtönungspartikeln und Interaktionsmanagement. Tendenziöse Fragen. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Die Partikeln der deutschen Sprache**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.

FRANCO, ANTONIO (1989): Modalpartikeln im Portugiesischen - Kontrastive Syntax, Semantik und Pragmatik der portugiesischen Modalpartikeln. In : WEYDT, HARALD (org.) **Sprechen mit Partikeln**. Berlin/New York: Walter de Gruyter

GORNIK-GERHARDT, HILDEGARD. (1981): Zu den Funktionen der Modalpartikeln *schon* und einiger ihrer Substituentia. Tübingen: Gunter Narr.

GRICE, H. PAUL (1993): Intendieren, Meinen, Bedeuten. In: MEGGLE, GEORG. (org.) **Handlung, Kommunikation, Bedeutung**. Frankfurt: Suhrkamp, p. 2-15.

\_\_\_\_\_ (1993) Sprecher - Bedeutung und Intentionen. In: MEGGLE, GEORG. (org.) **Handlung, Kommunikation, Bedeutung**. Frankfurt: Suhrkamp, p. 16-51.

\_\_\_\_\_ (1993) Sprecher-Bedeutung, Satz-Bedeutung, Wort-Bedeutung. In: MEGGLE, GEORG. (org.) **Handlung, Kommunikation, Bedeutung**. Frankfurt: Suhrkamp, p. 85-111.

\_\_\_\_\_ (1993) Logik und Konversation. In: MEGGLE, GEORG. (org.) **Handlung, Kommunikation, Bedeutung**. Frankfurt: Suhrkamp, p. 234-265.

HARDEN, THEO. (1983): Alltagsrethorik. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.

- \_\_\_\_\_ (1989): *Na ja* - ein vielseitiger Kommentar und seine portugiesischen Entsprechungen. In : WEYDT, HARALD (org.) **Sprechen mit Partikeln**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- HARDEN, THEO / RÖSLER, DIETMAR. (1984) Partikeln und Emotionen - zwei vernachlässigte Aspekte des gesteuerten Fremdsprachenerwerbs. In: WEYDT, Harald (org.). **Partikeln und Deutschunterricht**. Heidelberg: Groos.
- HARTMANN, DIETRICH. (1986): Semantik von Modalpartikeln im Deutschen. Zu Problemen ihrer Bedeutung und Bedeutungserfassung und deren Behandlung in der Modalpartikelforschung. In: **Deutsche Sprache**, 14<sup>a</sup>. ed, Caderno 2: p. 140-155.
- HELBIG, GERHARD. (1977): Partikeln als illokutive Indikatoren im Dialog. **Deutsch als Fremdsprache**. (14). Leipzig: Herder Institut der Karl-Marx-Universität (org.): p. 30-44.
- \_\_\_\_\_ (1988): **Lexikon deutscher Partikeln**. Leipzig / Berlin / München / Wien / Zürich / New York: Langenscheidt / Enzyklopädie.
- HELBIG, G./BUSCHA, J. (1984): **Deutsche Grammatik** - Ein Handbuch für den Ausländerunterricht. Leipzig.
- HENTSCHEL, ELKE. (1981) Partikeln und Hörereinstellung. In: WEYDT, HARALD (org.). **Partikeln und Deutschunterricht: Abtönungspartikeln für Lerner des Deutschen**. Heidelberg: Groos.
- \_\_\_\_\_ (1983) Partikeln und Wortstellung. In: WEYDT, HARALD. (org.) (1983). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.



- \_\_\_\_\_ (1986): **Funktion und Geschichte deutscher Partikeln. *Ja, doch, halt und eben.*** Tübingen: Niemeyer.
- HENTSCHEL, ELKE./WEYDT, HARALD. (1983): Der pragmatische Mechanismus: *denn* und *eigentlich*. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Partikeln und Interaktion.** Tübingen: Niemeyer, p. 263 s.
- \_\_\_\_\_ (1989) Wortartenprobleme bei Partikeln. In: WEYDT, HARALD. (org.) (1989). **Sprechen mit Partikeln.** Berlin / New York: Walter de Gruyter.
- \_\_\_\_\_ (1990): Partikeln im weiteren Sinne. In: \_\_\_\_\_. **Handbuch der deutschen Grammatik.** Berlin: de Gruyter, p. 245-300.
- HINRICHS, U. (1983): Können Abtönungspartikeln metakommunikativ funktionieren? In: WEYDT, HARALD (org.) **Partikeln und Interaktion.** Tübingen: Niemeyer.
- HUSSO, AILA. (1984): Zum Gebrauch von Abtönungspartikeln bei Ausländern. In: WEYDT, HARALD (org.). **Partikeln und Deutschunterricht: Abtönungspartikeln für Lerner des Deutschen.** Heidelberg: Groos.
- KIRSTEIN, B. (1983) Partikeln und Sprechsituation. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Partikeln und Interaktion.** Tübingen: Niemeyer.
- KÖNIG, EKKEHARD (1977): Modalpartikeln in Fragesätzen. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Aspekte der Modalpartikeln.** Tübingen: Niemeyer.
- \_\_\_\_\_ (1983): Polysemie, Polaritätskontexte und *überhaupt*. In: WEYDT, HARALD (org.) **Partikeln und Interaktion.** Tübingen: Niemeyer.

- KRIVONOSOV, ALEKSEJ T. (1977): Deutsche Modalpartikeln im System der unflektierten Wortklassen. In: WEYDT, HARALD (org.). **Aspekte der Modalpartikeln**. Tübingen: Niemeyer.
- \_\_\_\_\_. (1983): Zur Rolle der Partikeln bei der "Einsparung des Sprachmaterials". In: WEYDT, HARALD. (org.) **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.
- LEWANDOWSKY, T. (1990). **Linguistisches Wörterbuch 3**. 5<sup>a</sup>. ed. Heidelberg: Quelle & Meyer.
- LIEFLÄNDER-KOISTINEN, LUISE. (1989). Zum deutschen *doch* und finnischen *-han*. Beobachtungen zur Übersetzbarkeit der deutschen Abtönungspartikel. In : WEYDT, HARALD (org.) **Sprechen mit Partikeln**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- LÜTTEN, JUTTA. (1979): Die Rolle der Partikeln *doch*, *eben* und *ja* als Konsensus-Konstitutiva in gesprochener Sprache. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Die Partikeln der deutschen Sprache**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- MALIGE-KLAPPENBACH. (1984): HELENE. Die Darstellung der emotional-expressiven Partikeln im "Wörterbuch der deutschen Gegenwartssprache". In: WEYDT, HARALD (org.). **Partikeln und Deutschunterricht**. Heidelberg: Groos.
- MEIRELES, SELMA M./BLÜHDORN, HARDARIK. (1997): O campo inicial da frase e a estrutura informacional do texto. In: **Pandaemonium Germanicum**. Revista de estudos germânicos (Nº.1). FFLCH/USP, p. 121-162.
- ÖHLSCHLÄGER, GÜNTHER (1985): Untersuchungen zu den Modalpartikeln des Deutschen. **ZGL** (13): p. 350-366. HENNE, H./OKSAAR, E./VON POLENZ, P./WIEGAND, H.E. (orgs.).

- OPPENRIEDER, WILHELM / THURMAIR, MARIA (1989): Kategorie und Funktion einer Partikel. Oder: Was ist eigentlich "eigentlich" EIGENTLICH? Eine Replik auf M. Kohrt. In: **Deutsche Sprache**, 17<sup>a</sup>. ed., Caderno 1, p. 26-39.
- RÖSLER, DIETMAR. (1983): Der Erwerb von Abtönungspartikeln im Institutionalisierten Lernprozess. Deutsch als Fremdsprache. In: WEYDT, HARALD. (org.). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.
- RUDOLPH, ELISABETH. (1979): Zur Klassifizierung von Partikeln. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Die Partikeln der deutschen Sprache**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- \_\_\_\_\_ (1983): Partikel-Kombinationen in Alltags-Gesprächen. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.
- SANDIG, BARBARA. (1979): Beschreibung des Gebrauchs vom Abtönungspartikeln im Dialog. In: WEYDT, HARALD. (org.) **Die Partikeln der deutschen Sprache**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- SCHMIDT-RADEFELDT, JÜRGEN (1989): Partikeln und Interaktion im deutsch-portugiesischen Sprachvergleich. In : WEYDT, HARALD (org.) **Sprechen mit Partikeln**. Berlin/New York: Walter de Gruyter
- SEKIGUSCHI, TSUGIO. (1977) Was heißt "doch"? In: WEYDT, HARALD. (org.) **Aspekte der Modalpartikeln**. Tübingen: Niemeyer.
- STEINMÜLLER, ULRICH. (1984): Akzeptabilität und Verständlichkeit - Zum Partikelgebrauch von Ausländern. In: WEYDT, HARALD (org.). **Partikeln und Deutschunterricht**. Heidelberg: Groos.

- STOLT, BIRGIT. (1979) Ein Diskussionsbeitrag zu *mal, eben, auch, doch* aus kontrastiver Sicht (Deutsch-Schwedisch). In: WEYDT, HARALD. (org.). **Die Partikeln der deutschen Sprache**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- TRABANT, JÜRGEN. (1983): Gehören die Interjektionen zur Sprache? In: WEYDT, HARALD. (org.). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.
- THURMAIR, MARIA (1993): Äußerungsform oder Äußerungsfunktion? Zu den Bedingungen für das Auftreten von Modalpartikeln. **Deutsche Sprache**, 21<sup>a</sup>. ed., Caderno 1, p. 22-43.
- VORDERWÜLBECKE, KLAUS. (1984): Progression, Semantisierung und Übungsformen der Abtönungspartikeln im Unterricht Deutsch als Fremdsprache. In: WEYDT, HARALD (org.). **Partikeln und Deutschunterricht**. Heidelberg: Groos.
- WAGNER, KLAUS R. (org.) (1993): **Dortmunder Korpus der spontanen Kindersprache: Teilkorpus Christiane** (transcrito por Gabriele Pagels e Susanne Gasse). Essen: Die blaue Eule.
- WAHRIG, GERHARD. (1973): **Deutsches Wörterbuch**. Gütersloh.
- WEBER, URSULA. (1983) Zur Bedeutung vom Partikeln in Instruktionsdialogen. In: WEYDT, HARALD. (org.). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.
- WEINRICH, HARALD. (1993): **Textgrammatik der deutschen Sprache**. 1<sup>a</sup>. ed. Mannheim - Leipzig - Wien - Zürich: Dudenverlag, p. 841-861.
- WERLEN, IWAR (1983) Eine interaktive Funktion der Schweizerdeutschen Partikeln *jetzt, gerade, denn / dann*. In: WEYDT, HARALD (org.). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.

WESTHEIDE, HENNING (1985): Eine kontrastive Analyse der Partikeln Dt. *wohl* und Nl. *wel*. **ZGL** (13), p.186-202. HENNE, H./OKSAAR, E./VON POLENZ, P./WIEGAND, H.E. (orgs.).

WEYDT, HARALD (1979) Partikelanalyse und Wortfeldmethode: *doch, immerhin, jedenfalls, schließlich, wenigstens*. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Die Partikeln der deutschen Sprache**. Berlin/New York: Walter de Gruyter.

\_\_\_\_\_ (1983a): *Aber, mais* und *but*. In: \_\_\_\_\_ (org.) (1983). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.

\_\_\_\_\_ (1983b): Semantische Konvergenz: zur Geschichte von *sowieso, eh, ohnehin*. Ein Beitrag zum Bedeutungswandel von Partikeln. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.

\_\_\_\_\_ (1984): Methoden und Fragestellungen der Partikelforschung. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Partikeln und Deutschunterricht**. Heidelberg: Groos.

WEYDT, H./HARDEN, TH./HENTSCHEL, E./RÖSLER, D. (1983): **Kleine deutsche Partikellehre. Ein Lehr- und Übungsbuch für Deutsch als Fremdsprache**. Stuttgart.

WEYDT, HARALD./HENTSCHEL, ELKE. (1983): Kleines Abtönungswörterbuch. In: WEYDT, HARALD (org.) (1983). **Partikeln und Interaktion**. Tübingen: Niemeyer.

ZIMMERMANN, KLAUS. (1984) Warum sind die Modalpartikeln ein Lernproblem? In: WEYDT, HARALD (org.) **Partikeln und Deutschunterricht: Abtönungspartikeln für Lerner des Deutschen**. Heidelberg: Groos.